Edmundo Silva
com um abraço,
do Leo

FLORES DE SOMBRA

io - 11-5-20

COMEDIA EM 3 ACTOS

DE

CLAUDIO DE SOUZA

EDITORES:

PIMENTA DE MELLO & COMP.
RUA SACHET, 34 RIO

1919

Theatro de *Claudio de Souza* (Pela ordem em que as peças foram levadas á scena)

EU ARRANJO TUDO . . . — comedia em 3 actos — (Trianon - Rio)

(Companhia Christiano de Souza)

FLORES DE SOMBRA . . . — comedia em 3 actos—(Boa Vista - S. Paulo e Trianon - Rio)

(Companhia Leopoldo Fróes)

A RENUNCIA . . . . . — comedia em 3 actos — (S. Pedro - Rio)

(Companhia Alexandre Azevedo)

UM HOMEM QUE DÁ AZAR — comedia em 1 acto — (Trianon - Rio)

(Companhia Leopoldo Fróes)

OUTONO E PRIMAVERA . — comedia em 3 actos — (Trianon - Rio)

(Companhia Leopoldo Fróes)

O TURBILHÃO . . . . . — alta comedia em 3 actos — (Municipal - Rio)

(Companhia Maria Mattos - Mendonça de Carvalho)

Outras obras do mesmo auctor:

PELA MULHER! — Polemica — (ed. exgott.)
OS NEVROPATHAS E OS DEGENERADOS! — Medicina — (ed. exgott.)
A RESPONSABILIDADE CIVIL DOS SYPHILITICOS — Medicina — (ed. exgott.)
DO ALCOOLISMO — Medicina — (ed. exgott.)
PATER! — Romance — (ed. exgott.)
A CONVERSÃO! — Novella.
LA CONVERSION! — Edição argentina - B. Aires — (ed. exgott.)

Luizinha,

Esta peça foi escripta em dias attribulados e fundamente dolorosos, quando um sobrinho, pelo qual eu tudo houvera feito, me pagava com a mais infame das traições, movendo-me uma campanha de odio e diffamação, na qual foi, como devia ser, esmagado, com seus atrevidos comparsas. E em toda sua vida que o remorso o persiga para seu castigo.

Sente-se que ha nella um soffrimento que procura consolo no seio de uma evocação: a evocação da familia antiga, do velho lar paulista de nossos avós, unido, solidario, e varrido de cizanias, porque batia por um só rythmo, por um só pendulo, por um só symbolo, que em vida era amor e respeito do mais moço pelo mais velho, e após a morte, a veneração, a emmoldurar de lagrimas as saudades, que continuavam a dirigir o lar como os espiritos immortaes das tradições, fonte de harmonia e de belleza.

Para reviver aquelle quadro antigo eu não tive mais que olhar em redor de mim, que respirar o ambiente de felicidade que tu creaste com tua alma clara e serena como a luz tranquilla de teus olhos, e de apertar tua mão, solidaria para a vida e para a morte.

Esta peça, pois, no que ella tem de puro, de sincero, em toda sua floração de sombra, recatada e carinhosa, é obra tua. Não t'a posso offerecer; peço-te, apenas, que a acceites com todas as imperfeições de minha penna pouco habil.

Do teu

Claudio.

Villa Luiza, Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1919.

FLORES DE SOMBRA

(Representada pela 1ª vez no theatro Boa-Vista, de S. Paulo, a 22 de Dezembro de 1916, pela Companhia Leopoldo Fróes, e representada, em seguida, pela mesma companhia, no Trianon, do Rio de Janeiro, tendo alcançado perto de trezentas representações.)

PERSONAGENS

	EM S. PAULO	NO RIO
D. CHRISTINA....	*Apollonia Pinto*	*Apollonia Pinto*
Mme. CARDOSO..	*Cecilia Neves*	*Cecilia Neves*
ROSINHA.....	*Amalia Capitani*	*Amalia Capitani*
CECILIA.....	*Ema de Souza*	*Belmira d'Almeida*
ADELAIDE.....	*Elvira Martins*	*Margarida Velloso*
OSWALDO.....	*Leopoldo Fróes*	*Leopoldo Fróes*
HENRIQUE.....	*Emygdio Campos*	*Emygdio Campos*
POSSIDONIO.....	*João Colás*	*Eduardo Pereira*
Coronel FERRAZ..	*Eduardo Pereira*	*Attila Moraes*

(A acção passa-se em uma fazenda no Estado de S. Paulo)

Esta peça acha-se registrada na Bibliotheca Nacional, no Rio de Janeiro, de accordo com as disposições do Codigo Civil sobre propriedade literaria, e não poderá ser representada sem prévia licença do auctor, sob as penas da lei.

P. S. — *O auctor pede a todos os que se interessam pelo nosso theatro que o avisem por carta ou telegramma toda a vez que se projectarem ou que se realizarem representações não auctorisadas de qualquer de suas peças. Correspondencia para: 284, Avenida Atlantica, Rio de Janeiro.*

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

http://archive.org/details/floresdesombraco00souz

ACTO I

Sala de jantar numa fazenda em S. Paulo. Mobiliario antigo de carvalho, solido e pesado, que vae de geração a geração. Uma rêde armada a um canto. Um relogio de cuco. A mesa está posta para o jantar. Vê-se na parede do fundo o retrato a oleo do marido de D. Christina, com a farda de coronel da Guarda Nacional.

SCENA I

(Ao levantar do panno ouve-se o "cuco" cantar seis horas)

D. Christina e Adelaide

ADELAIDE

(Sobre uma cadeira, a tirar uma terrina do armario) — Esta terrina está desbotada, D. Christina!

D. CHRISTINA

Como eu, como tudo que nesta casa commigo envelhece.

ADELAIDE

E' que vae parecer feia a "seu" Henriquinho que vem do luxo da cidade.

D. CHRISTINA

E por que? E' a mesma terrina que elle aqui

deixou, a mesma terrina em que lhe foi servida, por tantos annos, a sopa da familia. *(Recebe a terrina das mãos de Adelaide e vae collocal-a sobre a mesa).*

ADELAIDE

(Desce da cadeira; olha a colher de louça da terrina) — Podia-se servir a sopa com uma colher de prata, das novas.

D. CHRISTINA

Não... não... Quero que elle encontre tudo como deixou; que nos sentemos á mesa como nos sentavamos antigamente... Não... não, tudo como dantes; como no tempo feliz! Só não encontrará o pae. *(Olha o retrato).* Aquelle bom e extremoso amigo!

ADELAIDE

(Ajudando D. Christina a dar os ultimos retoques á mesa) — Não sei; "seu" Henriquinho é hoje tenente! Tem viajado tanto!

D. CHRISTINA

Conheço bem o meu Henrique. Todas as glorias que elle tem alcançado em sua carreira, e que o fizeram chegar tão moço áquelle posto, não o terão feito esquecer a velha casa de seus paes.

ADELAIDE

Por elle tambem eu juro, mas é que logo depois delle vêm as taes moças da cidade.

D. CHRISTINA

E pensa que por sua causa o meu Henrique

se vae envergonhar da casa de seus paes? Que tolice!

ADELAIDE

Não digo "seu" Henriquinho.

D. CHRISTINA

Seria uma injustiça suppol-o capaz de ter vergonha da casa onde nasceu, onde cresceu, na qual nós o abençoámos. Daqui sahiu para a Escola Naval, aos quatorze annos. Eu o tinha criado como uma moça; era tão innocente quanto uma menina.

ADELAIDE

(*Aparte*) — Muito!... Não se encontrava commigo a sós que não me désse um belliscão! Eu ainda era franguinha nova!

D. CHRISTINA

Como elle chorou ao despedir-se! Abraçou-se a mim como si me pedisse protecção, e dizia-me, ao ver-me chorar: — Mamãesinha, mamãesinha, eu fico com a senhora! Serei fazendeiro como papae, mas não a quero ver chorar!... (*Leva o lenço aos olhos*) Coitado do Henrique!

ADELAIDE

Ora, que tolice, digo eu agora! Chora a senhora quando elle está a chegar depois de tão longa ausencia!

D. CHRISTINA

Tolice! O coração das mães vive num sobresalto ou num presentimento. Você acabou de ati-

rar uma pedra numa agua parada. Toda ella se moveu num estremecimento, numa palpitação...

ADELAIDE

Por causa da terrina? Ella está mesmo desbeiçada...

D. CHRISTINA

E pensa que não o vejo? Não é só a terrina...

ADELAIDE

A colhér, tambem...

D. CHRISTINA

E' a terrina, a louça, são as paredes desta casa, eu... Tudo envelheceu, tudo desbotou na sombra de nossa vida quieta. Henrique sahiu daqui uma criança...

ADELAIDE

(*Aparte*) — Não era criança para me atirar beijos da janella do sotão.

D. CHRISTINA

Sahiu da sombra para o movimento, para a luz, para a vida grande. Cresceu em outro meio, ganhou outro feitio, como a planta que do campo se muda para a estufa de um jardim de cidade.

ADELAIDE

(*Aparte*) — Agora já ha de atirar beijos do 1.º andar!...

D. CHRISTINA

Suas palavras vieram acordar uma duvida que

não me deixa dormir desde a carta que me annunciava sua vinda, e a da senhora e da filha de umm inistro, que elle havia convidado para visitarem nossa fazenda. Fiquei a pensar: Essa moça é, talvez, a mulher que elle escolheu para esposa; que a sua presença não o faça envergonhar-se de toda a poeira de tradições destas nossas paredes!

ADELAIDE

Poeira, não, senhora! Eu passei o espanador em toda a casa; não ha uma teia de aranha.

D. CHRISTINA

Não é isso!...

ADELAIDE

Si é, então, pela louça, a senhora podia mandar pedir as pratas de "seu" coronel. Em meia hora, no cavallo pangaré, o Elias vae num pé e volta no outro.

D. CHRISTINA

A louça era facil de substituir, mas ha uma cousa em cada casa que se não póde substituir pelas pratas emprestadas: E' o que fica no ar, que se evapora das almas que a habitam; (*o cuco canta meia hora)* é o que, como a voz daquelle cuco, ha cincoenta annos, desde que se levantaram estas paredes, se foi formando no ar, deixando em cada canto o soluço de uma saudade. E é disso que meu coração de mãe teme que Henrique se envergonhe, ao entrar. (*Leva o lenço aos olhos*) Seria horrivel.

ADELAIDE

Si é só isso, é facil de remediar...

D. CHRISTINA

Como ?

ADELAIDE

Manda-se o cuco para a cozinha. A senhora quer que o leve ?

D. CHRISTINA

(*Sorrindo*) — Não. Deixe-o onde está. Ha coisas que você não póde comprehender.

ADELAIDE

A senhora diz bem. Eu não posso comprehender por que "seu" Henriquinho ha de embirrar com o cuco de que elle gostava tanto quando era criança.

D. CHRISTINA

Parece que não falta mais nada na mesa.

ADELAIDE

Só faltam os talheres que eu vou arêar.

D. CHRISTINA

Os talheres ainda não estão arêados?

ADELAIDE

Não, senhora, não havia pó de tijolo. O Possidonio foi por elle á cidade, e já deve estar de volta. Mas ainda temos tempo.

D. CHRISTINA

Não temos muito tempo. Henrique não tarda. (*Vae sentar-se na rêde*) — Tenho as pernas num formigueiro. (*Senta-se com um gesto de allivio*) Ah!...

ADELAIDE

Ha tres dias que a senhora não pára de mexer. Parece que vae chegar um principe.

D. CHRISTINA

Mais do que um principe: um filho ausente ha muitos annos. Depois que elle foi para a Escola Naval, só uma vez veiu cá.

ADELAIDE

Quando foi promovido a guarda-meninas.

D. CHRISTINA

Guarda-marinha, Adelaide.

ADELAIDE

A mim elle me disse, mostrando a fardinha toda perfumada, que tinha sido promovido a guarda-meninas. (*Aparte*) E havia de guardal-as bem... que não abrissem os olhos com elle...

D. CHRISTINA

Tenho que ir lá acima vêr o quarto das hospedes de Henrique.

ADELAIDE

Ah, está uma belleza! A cama que elle mandou da cidade prega cada susto! Quando a gente senta, afunda assim... O armario grande, com aquellas tres portas de espelho — cruzes! — até deve fazer vergonha á gente de tirar a roupa deante delle para se deitar. A gente da cidade com certeza apaga o "candieiro" antes de tirar a roupa, ou então tira a roupa de costas!

D. CHRISTINA

(*Que se mostra pensativa emquanto Adelaide fala*) — Um capricho de Henrique que me não deixou de magoar. Por que teve elle a idéa de mandar moveis e cortinas para o quarto de hospedes? Não dormimos todos nós, felizes, nos nossos leitos antigos? Eu já lhe tinha escripto que dormiria em outro quarto, e que daria o meu aos seus hospedes, com a mobilia vinda do Rio, ainda no tempo das tropas — não havia o trem — a qual fez inveja a todos.

ADELAIDE

Rica mobilia! Então aquella commoda grande é uma belleza! Vae aquillo até ao forro, que ali se lhe póde pôr toda a roupa de uma familia. E ainda tem em cima aquelle segredo, com dois pombinhos a se beijar, que não ha ladrão que o possa abrir. E cada gavetão!... Ah, aquillo sim! O que veiu da cidade é como as moças de lá: muito bonitas por fóra, mas não têm gavetas!

SCENA II

Os mesmos e Possidonio (peão da fazenda: traje caracteristico)

POSSIDONIO

(*Entra com um embrulho*) — A senhora dá licença? Trago o pó de tijolo que Adelaide encommendou. O cozinheiro que o filho do defuncto Manuel Ignacio trouxe da França diz que já se não usa isso, que ha um sabão, chamado sapolio, que é só espumar, já está alumiando!

ADELAIDE

(*Recebe o embrulho*) — Pois que fique elle com a novidade. Cada um vive no seu costume. Você demorou tanto que parece que foi buscar a morte.

D. CHRISTÍNA

Que foi fazer á casa do filho do Manuel Ignacio?

POSSIDONIO

Eu não fui, não, senhora. Quero dizer, eu ia passando, vae elle me chamou e me mandou á estação saber a que horas chegava o trem das 5 e meia.

ADELAIDE

E foi por isso que você demorou?

D. CHRISTINA

A estação não é tão longe. E depois, você não é empregado delle.

POSSIDONIO

Quando eu voltei para contar que o trem das cinco e meia não tinha hora de chegar, elle mandou o cozinheiro me dar qualquer coisa para beber e para comer. Eu, para não fazer desfeita, entrei na cozinha. A senhora não imagina que luxo! O cozinheiro todo de branco, e de boné, como «seu» doutor, quando fez operação no «seu» defuncto coronel, que Deus haja! Elle perguntou-me si eu conhecia «donde vim». * Eu respondi que conhecia, sim, senhora, que graças a Deus era

---

* *Eau-de-vie.*

filho «ligitimo». Mas o «donde vim» era pinga!... *(a rir)* Eu, para não fazer desfeita, acceitei um «gorpe». Depois, elle perguntou-me si eu gostava de «gató» francez. Eu respondi que gostava mais de «cachorró» aqui da roça. Mas o «gató» que elle dizia era doce!... Uai!... *(ri alvarmente).*

D. CHRISTINA

Vae d'ahi, como sempre, você se esqueceu da vida?

ADELAIDE

O peixe morre pela bocca.

POSSIDONIO

Não, senhora, quero dizer, sim, senhora. Fiquei um tempinho mais; queria ver o «tal» cozinhar. Si a senhora visse! Cozinhava umas coisas pretas, que disse que se chamavam: «chá-pinhão». * Fui olhar: era orelha de páu, que dá em páu podre! Elle cozinhava e bebia o tal «donde vim».

D. CHRISTINA

E você, para não fazer desfeita?...

POSSIDONIO

Não, senhora, ahi não foi assim. Elle offereceu...

ADELAIDE

E você não acceitou? Jure, si for capaz!

POSSIDONIO

Acceitei, mas foi por causa do enjôo da orelha

---

* *Champignon.*

de páu. Mostrou-me, depois, uns caramujos e umas lesmas, que eram para o jantar; disse que se chamavam «descarregou». * Elles parece que mudam os nomes das coisas para poderem comer aquellas porcarias... Fiquei tão enjoado com o tal «descarregou»...

ADELAIDE

Que descarregou outro calice ?

POSSIDONIO

(*Para Adelaide*) — D'ahi foram dois, para que mentir ? As lesmas eram grandes ! E tinha um queijo que cheirava a tamanco de colono, a meia legua. Eu não posso sentir cheiro de queijo que não me dê vontade... E descarreguei um outro; para que mentir ?

D. CHRISTINA

Está bem. Vá tratar de seu serviço e fique avisado: Quando fôr á cidade não quero que porte em casa do filho do Manuel Ignacio.

POSSIDONIO

Sim, senhora. (*A sahir*) O francez tambem perguntou si aqui na fazenda tinha «só vage». ** Que lá na França dizem que o Brasil é tudo «só vage»!... Veja «mecê» como francez é burro!... Eu respondi que nossas terras eram muito bôas, que não davam só vagem; que davam batatas, que davam milho, café, mandioca, tudo!... (*Já na porta*) Vae d'ahi descarreguei outro. Para que mentir ? (*Sáe*).

---

* *Escargot.*
** *Sauvage.*

SCENA III

D. Christina e Adelaide

D. CHRISTINA

Esses rapazes quando começam a ir á cidade ficam perdidos. (*Para Adelaide*) Arêe logo os talheres.

ADELAIDE

Quer que arêe, tambem, os castiçaes de prata?

D. CHRISTINA

Sim. (*intencionalmente*) Tudo quanto fôr possivel arêar e fazer ganhar brilho novo... a vêr si Henrique não se desgosta. Só eu não me posso arêar, (*passa as mãos no rosto*) tirar esta ferrugem da edade, para receber meu filho.

ADELAIDE

Por falta de pó de tijolo pode a senhora ficar certa que elle não se ha de aborrecer da casa. (*Adelaide chega-se aos bastidores e fala em voz baixa com alguem de fóra*).

D. CHRISTINA

Sabe lá a gente!... Criam-se os filhos... ha na casa um calor que os conchega, que elles amam, de que se não querem separar. Chega o dia, porém, em que elles se dispersam. Fica um coração de mãe a lacrimejar; a physionomia de um pae contrahida a reprimir um soluço... Passam os annos. A terra é longe. Para os filhos, que são moços, as imagens distantes se apagam. Para os velhos, que são velhos... a imagem

distante é a unica luz da vida! E encontram-se de novo; o coração moço num noivado, que é uma promessa... e o pobre coração velho a soluçar de amor, que é apenas uma saudade... e entre a borboleta branca que vem num noivado e a borboleta negra que procura o tumulo, ha um anceio e um soluço... que são a vida!

ADELAIDE

(*A arêar uma faca*) — A cozinheira pergunta si a senhora quer torresmos para o viradinho de feijão com carne de porco. Parece que na cidade não gostam muito de torresmos.

D. CHRISTINA

Que faça tudo como se faz sempre, como si não tivesse alguem de fóra. Os hospedes só chegam amanhan... Ao menos hoje, emquanto está elle só, que tudo lhe relembre a casa antiga!... (*a rir*) E elle gostava tanto de viradinho com torresmo e com lombo de porco!

ADELAIDE

E' que elle já foi promovido a tenente, e espera ser promovido a capitão das tres gaitas.

D. CHRISTINA

Fra... ga... ta... (*Em outro tom*) E que tem isso? Mesmo que elle já fosse capitão de fragata, que fosse almirante, que fosse ministro, que fosse presidente da Republica...

ADELAIDE

Isso é. Ainda mesmo que fosse imperador era sempre seu filho.

D. CHRISTINA

E' e será sempre meu filho, meu Henrique, que só chegou aonde chegou porque nós, eu e o pae, trabalhámos, sacrificámos toda a nossa vida neste canto de roça, para o fazer feliz. Eis ahi!...

ADELAIDE

Então si é assim a gente tambem pode servir um caldo de couve, não?

D. CHRISTINA

Tambem... Quero é que seja tudo nosso, tudo paulista, bem da terra, bem da casa, bem da familia... (*Pausa*) com o orgulho que nós, paulistas, temos da nossa terra e da nossa gente!

ADELAIDE

E' que a tia Joanna está a caducar com «seu» Henriquinho. Disse que não fazia nada que levasse agua porque official de marinha, por viver sempre na agua, não gosta de ensopados. (*Vae até á porta para sahir e retrocede*) «Seu» coronel Ferraz está ahi. (*Dá passagem ao coronel*) Entre, «seu» coronel! O senhor é de casa.

SCENA IV

D. Christina, Adelaide e coronel Ferraz

CORONEL

Bôa tarde, comadre... Então como vae a senhora com o seu rheumatismo?...

D. CHRISTINA

(*A sorrir*) — Como velha... arrastando sempre... Bôa tarde.

CORONEL

Comadre fala em velhice com 55 annos?...

D. CHRISTINA

Suba... suba... compadre...

ADELAIDE

Uma cadeira!...

CORONEL

(*Sentando-se*) — Obrigado, Adelaide. (*Para Adelaide*) Faça o favor de dizer ao Vadó... (*Para D. Christina*) Dá licença, comadre?

D. CHRISTINA

(*Sentando-se*) — Está em sua casa, compadre.

CORONEL

Reconheço. (*Para Adelaide*)... que afrouxe os arreios do animal e que lhe dê agua e um embornal de milho... E «me rebata» um pouco os «lóro».

ADELAIDE

Sim, senhor.

CORONEL

(*Para D. Christina*) — Que liberdade, comadre! Vou dispondo assim de seu milho e de sua gente.

D. CHRISTINA

Ora, compadre!... Nem que fosse mais.

ADELAIDE

Isso não tem nada, «seu» coronel!... Está em sua casa. Milho, ha fartura. Si o senhor quizer, tambem, comer alguma coisa.

CORONEL

Não. Muito obrigado! (*Ri-se com benevolencia*) Ah... ah... ah...

ADELAIDE

E' só chamar, «seu» coronel! (*Sáe*).

CORONEL

Imagine, comadre!...

D. CHRISTINA

Coitados! Não dizem por mal. E' a ignorancia

SCENA V

D. Christina e coronel Ferraz

D. CHRISTINA

Minha afilhada não quiz vir?

CORONEL

Como não? Ficou ahi na colonia a visitar um pequeno que está doente. Não pudemos vir logo, porque estou correndo os eleitores. Desta vez, havemos de arrancar o pennacho do major Po-

lycarpo, ainda que seja preciso fazer votar os defunctos.

D. CHRISTINA

(*A sorrir*) — Não ha de ser a primeira vez! Os defunctos sempre votaram...Já no tempo do meu marido!

CORONEL

O promotor disse outro dia no Jury que os vivos são governados pelos mortos!... Homem, em eleição eu não duvido!

D. CHRISTINA

Mandei pedir ao compadre que a Rosinha ficasse aqui commigo porque já não tenho geito para hospedagem, e o Henrique convidou a senhora de um ministro e a filha para virem passar uns dias aqui. A Rosinha é moça. Tem mais alegria.

CORONEL

Que quer, comadre! A gente vae ficando velho, vae conhecendo os homens. Olhe esses amaldiçoados eleitores...

D. CHRISTINA

(*Interrompendo-o*) — E' a vida. Tudo envelhece: a gente, a casa, o campo, as arvores... Só não envelhecem as pedras, porque não têm alma!

CORONEL

A gente, comadre, é que é horrivel. Tudo mais brota de novo... Até a pedra cresce!

D. CHRISTINA

E, tambem, a gente. Não ha, então, os filhos, em que se vê o sangue reviver, alegre, feliz, como a flôr que brota num galho secco? Hoje, volta-me o Henrique. Parece que tudo se anima de novo nesta casa, que toda ella revive, como revivem os campos tristes nos primeiros dias de primavera.

CORONEL

Pois hei de estimar que a Rosinha lhe faça bôa companhia. Não sei... Ella, depois que esteve aqui, da ultima vez, anda tão triste! Parece doente.

D. CHRISTINA

Assusta-me, compadre! Não, não póde ser. Ha quinze dias ainda, a Rosinha esteve cá, tão alegre, tão feliz. Abraçava-me, beijava-me, chamava-me mamãesinha! Trouxe-me aquelle vaso de begonias que ali está sobre a commoda.

CORONEL

São sua paixão as begonias.

D. CHRISTINA

E sabe que me disse?

CORONEL

Não, senhora.

D. CHRISTINA

Trago-lhe uma companheira. A senhora vive tão triste, sempre a pensar no Henrique dentro

das suas saudades. Póde conversar com ella. A begonia é a alma da saudade. Não gosta da luz. Quer sempre a sombra em que possa meditar. Em cada uma das suas folhas vive a imagem de sua saudade, e tão grande que, cortada uma dellas, e atirada á terra, logo brota, da haste fina novas folhas surjem, e sua saudade inteira renasce num soluço, no canto que lhe é casa, na sombra que lhe é vida!...

CORONEL

Então a senhora não adivinhou nada? Quem a ensinou a dizer essas cousas? Para uma menina da roça, e concentrada!

D. CHRISTINA

Ora, compadre! Quem ensinou? Então as moças não têm ouvidos para ouvir o que diz o luar, o que cantam os passaros nos ninhos, o que diz o matto, o que diz toda a Natureza quando ellas passam? Os homens cantam serenatas aos 18 annos, as moças começam aos 14 a ensaiar os soluços de sua alma de mulher, e sonham, sem saber ainda bem com que sonham!

CORONEL

A senhora não notou, porém, quanto ella mudou de 3 annos para cá? Sempre pensativa...

D. CHRISTINA

Ella está com 17 annos. Aos 14, todas ellas mudam... quando põem a saia comprida. São moças; não são mais meninas.

CORONEL

Comadre lembra-se que brincavamos sempre, quando ella e o Henrique eram meninos, que se haviam de casar mais tarde ?

D. CHRISTINA

Lembro-me muito. O Henrique, que era mais velho, tomava a coisa muito a sério.

CORONEL

Pois logo que ella poz a saia comprida, como diz a comadre, uma vez que lhe falaram nessa brincadeira de criança, zangou-se, e pediu que nunca mais lhe falassem em tal cousa.

D. CHRISTINA

Já não era criança... era moça... E' assim mesmo! Os homens não entendem isso bem.

CORONEL

Eu percebi logo, com o espirito de pae que nunca se engana, que ella amava alguem, algum outro.

D. CHRISTINA

Quem sabe ?

CORONEL

Appareceram, depois, diversos pretendentes. Recusou-os todos. O ultimo, era um moço distincto, um moço formado. Eu vou dizer-lhe aqui em segredo: O ex-promotor da comarca. Ninguem sabe. Fica entre nós.

D. CHRISTINA

(*A rir*)—Como ninguem sabe? O Dr. Albano? Todo o mundo sabia... menos, talvez, o compadre!...

CORONEL

Pensei que ninguem soubesse. Um moço a quem não faltava nada! Um doutor! Que podia ella querer mais! Recusou-o sem dizer porque.

D. CHRISTINA

Não disse si gostava de alguem?

CORONEL

Diz que não gosta de ninguem, que se não quer casar. De ha 15 dias para cá, desde a ultima vez que esteve aqui, mudou inteiramente. Quasi não fala, fecha-se no quarto, e seus olhos não me enganam... vivem a chorar. Ainda si dissesse de quem gostava! Si tivesse mãe, podia ser que com ella se abrisse. Com os paes é mais difficil.

D. CHRISTINA

Tão linda e tão boasinha qual é, si gostar de alguem ha de ser correspondida.

CORONEL

Quem sabe si a comadre?... Ella quer-lhe tanto! E os filhos são assim: Muitas vezes o que escondem aos paes não escondem aos extranhos. A comadre podia aproveitar os dias que ella vae passar aquí para confessal-a, para lhe dar um "vomitorio" com geito... E' quasi sua filha.

Desde que lhe morreu a mãe, considera a senhora como uma segunda mãe.

D. CHRISTINA

Chama-me mesmo de mamãesinha! Pois hei de vêr, compadre. Estimo-a como a uma filha, e si estiver em minhas mãos eu a farei feliz.

CORONEL

(*Levanta-se*)—Si a comadre vir que é moço que serve, dou-lhe carta branca. O que a senhora resolver está resolvido. Não precisa consultar-me, basta contar-me quem vae ser o meu genro. Ando sempre tão occupado com essa maldita politica! Emquanto não arrancar o pennacho do major, para nada tenho cabeça. Então, com sua licença... E até logo, comadre.

D. CHRISTINA

Não espera seu afilhado? O Henriquinho está a chegar.

CORONEL

Eu volto á hora do jantar. Vou até ao Chico da Tapéra. Elle tem dois filhos que preciso alistar.

D. CHRISTINA

Mas um tem só 10 annos!...

CORONEL

Não faz mal. O outro tem 11, e os dois juntos fazem 21. Adeus, comadre. (*Sáe*).

D. CHRISTINA

(*Acompanha-o até á porta*)—Até logo, com-

padre. (*Volta-se, e fica um momento pensativa; vae até junto da commoda, toma entre as mãos o vaso de begonias, olha-o um momento e, a abanar a cabeça, exclama*): A alma da begonia!... Coisas de moça... (*Approxima-se da janella. Cáe o crepusculo*) Quantas vezes eu tambem, aos vinte annos, não adivinhei uma alma em cada flôr... em cada crepusculo... á hora das "Ave-Maria"!... (*Ouve-se fóra a sineta da capella da fazenda que annuncia a "Ave-Maria". D. Christina benze-se, e reza. A orchestra em surdina acompanha o toque do sino. O côro dos colonos, fóra, canta a "Ave-Maria". A voz de Rosinha domina as demais*).

D. CHRISTINA

(*Olhando para fóra*) — E' a Rosinha que acompanha a reza da colonia... Que linda voz! (*Ao fim do canto*) Vou vel-a. (*Deixa sobre a commoda o vaso de begonias. Morrem as ultimas notas do canto. D. Christina olha o vaso, olha o crepusculo que se adensa, e exclama a sorrir*) A alma da begonia... a alma do crepusculo... Coisas de criança! (*Leva a mão ao peito*) Entretanto para o coração da mulher se devia fazer um só berço... E' uma criança que nunca toma juizo... (*Vae sair; esbarra com Adelaide na porta*).

SCENA VI

D. Christina e Adelaide

ADELAIDE

(*Traz os talheres no avental*) — Promptos, os talheres. "Nha" Rosinha está ahi!

D. CHRISTINA

Vou encontral-a. (*Sáe*)

SCENA VII

Adelaide e Possidonio

ADELAIDE

(*Collocando os talheres na mesa, a Possidonio, que a segue, trazendo dois castiçaes*) — Como canta bem "nha" Rosinha, e que boniteza de moça! Com ella, sim, é que "seu" Henriquinho devia casar-se. E' da mesma terra que elle. Quando eram pequenos não se largavam. Cresceram juntos. E o matto que cresce junto não se póde arrancar um sem que leve a raiz do outro!

POSSIDONIO

E' como nós, Adelaide! (*a um muchôcho de Adelaide*)—Promptos, os castiçaes. Eu perguntei, tambem, ao cozinheiro de "seu" Oswaldo si elle era casado, si tinha trazido a mulher. Elle respondeu-me que a mulher delle estava em toda a parte e que se chamava D. Cocota! Eu respondi: Está ahi uma mulher que me servia!

ADELAIDE

Sem vergonha!

POSSIDONIO

Elle me chamou de «*cochon*», diz que quer dizer rapaz sacudido... Eu, então, bebi mais dois «górpe»! Para que mentir?... (*Sáe*)

SCENA VIII

D. Christina, Adelaide e Rosinha

D. CHRISTINA

Nunca tinha ouvido você cantar!...

ROSINHA

(*Sorrindo tristemente*) — Eu não canto nunca... Foi a Symphronia que me pediu para acompanhar a "Ave-Maria" por intenção do filho. Bôa noite, Adelaide!... (*Approxima-se de Adelaide e estende-lhe a mão*).

ADELAIDE

(*Limpa rapidamente a mão no avental*) — Eh, mecê vae sujar sua mão... estou cheia de pó de tijolo... Bôa noite! (*Aparte*) Isso é que é uma menina sem orgulho! Filha de "seu" coronel... dá a mão para a gente...

D. CHRISTINA

(*Vae buscar uma cadeira*) — Uma cadeira, Rosinha!

ROSINHA

Não se incommode, mãesinha... Ora, tem graça! A senhora... mais velha... (*Leva D. Christina á rêde*) Sente-se a senhora. Eu vou tirar o chapéu.

D. CHRISTINA

(*Para Adelaide*) — Ajude-a, Adelaide!

ROSINHA

(*Tira rapidamente o chapéu e entrega-o a Ade-*

laide) — Obrigada. (*Dá-lhe um chicotinho*) Ponha o chicotinho junto do chapéu, sim?

ADELAIDE

Sim, senhora.

D. CHRISTINA

(*A Adelaide*)—Vá buscar o lampeão, Adelaide! (*A Rosinha*) Puxe uma cadeira para junto de mim.

ROSINHA

Não, senhora, eu quero o banquinho, minha tripeça, para sentar-me aos seus pés, como antigamente.

D. CHRISTINA

(*A rir*) — Sempre a mesma! A tripeça está ali, junto ao sofá.

ROSINHA

(*Vae tomar a tripeça e vem sentar-se aos pés de D. Christina*) — Quando eu era pequenina, encostava a cabeça ao seu collo e a senhora contava-me historias, emquanto me alizava os cabellos. Lembra-se? Quantas saudades eu tenho!...

D. CHRISTINA

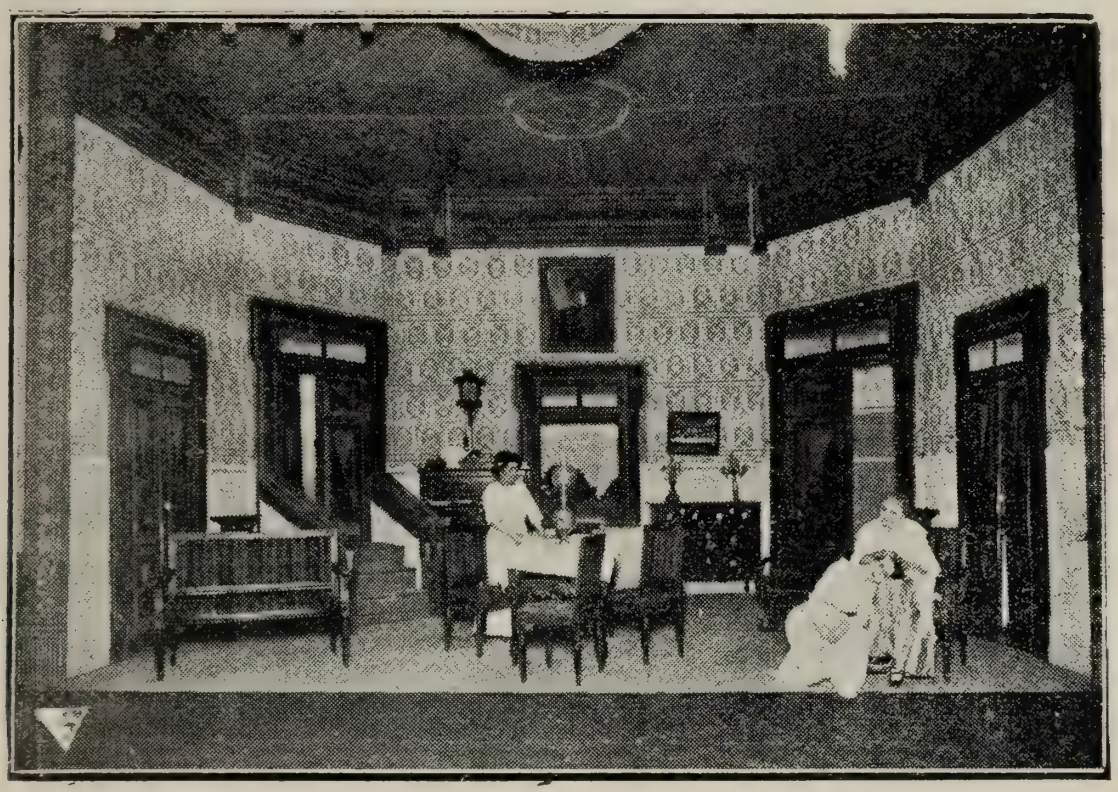
Pois encoste a cabecinha ahi e eu lhe vou contar historias como antigamente.

ROSINHA

Sim, mamãesinha, sua filhinha precisa muito... (*com accento dolorido*) muito... de quem lhe conte historias...

D. CHRISTINA

(*Acamando-lhe os cabellos*)—Mas já está muito crescidinha para ouvir a Princeza Magalona ou a Gata Borralheira. (*Leva a mão ao peito de Rosinha.*) Aqui neste coraçãosinho deve haver algum Malazartes...



1° ACTO — SCENA VIII

D. CHRISTINA — ...neste coraçãosinho deve haver algum Malazartes.

ROSINHA

Ora, mamãesinha, que idéa!... Logo Pedro?...

D. CHRISTINA

Não digo Pedro... Nem todos os Malazartes se chamam Pedro. Hoje ha Malazartes de todo o feitio: de bigode, sem bigode, de barba, sem barba, de anel de doutor, sem anel de doutor, á paisana ou de farda!

ROSINHA

(*Levanta a cabeça num movimento rapido*) — Por que a senhora disse de farda?

D. CHRISTINA

Porque, tambem, ha! Com excepção dos padres, que se não podem casar, tudo mais que é homem é Malazartes!

ROSINHA

(*Volta á posição anterior*) — Para as outras! Para mim não. Não gosto de ninguem, e ninguem gosta de mim.

D. CHRISTINA

(*Levando, de novo, a mão ao coração de Rosinha*) — Vamos, diga para sua mãesinha como é o nome do Malazartes que está aqui dentro!...

(*Adelaide entra com dois lampeões accesos; colloca um sobre a mesa de jantar, e o outro sobre a mesinha do 1.º plano. Durante a scena faz outras entradas, trazendo objectos diversos para completar a mesa*).

ROSINHA

Vamos falar em outra coisa, mamãesinha? Ahi não ha ninguem. O Henriquinho chega mesmo hoje?

D. CHRISTINA

Não deve tardar. O troly já foi á estação. (*Olhando o cuco*) Nesta meia hora elle deve estar ahi.

ROSINHA

E a moça que tem de vir?

D. CHRISTINA

Deve vir amanhan ou depois. O Henrique quiz vir antes. Talvez para ver que não lhes falte nada.

ROSINHA

(*Levanta a cabeça, apoia os dois cotovellos nos joelhos de D. Christina e, repousando o queixo sobre a mão, fita os olhos de D. Christina*) — E' bonita a moça? E' muito mais bonita do que eu ?...

D. CHRISTINA

Olhem a faceira !... Não sei, menina, eu não a conheço, mas é difficil que seja mais bonita do que você.

ROSINHA

O Henriquinho não dizia na carta si ella era bonita, si tinha os cabellos pretos, si era alta, si era baixa, si tinha os olhos grandes ?

D. CHRISTINA

Não. Dizia-me, apenas, que era uma familia amiga, que o recebia em sua casa como um parente, que o convidava constantemente para almoçar, para jantar, para festas...

ROSINHA

E Henrique convidou-a para vir conhecer a senhora ?

D. CHRISTINA

A moça, que se chama Cecilia, esteve ultimamente doente, e o medico aconselhou-a que sahisse, que viesse para o campo respirar um pouco

de ar melhor. Henrique offereceu-lhes, então, a nossa casa. Creio que ficarão aqui uns oito dias. Não sei como as receber. Foi por isso que mandei pedir a você para vir fazer-me companhia.

ROSINHA

(*Pensativa*) — A mim me parece que não é só uma mudança de ar... que Henrique gosta dessa moça...

D. CHRISTINA

Póde ser!

ROSINHA

(*Afflicta*) — Ah, então a senhora tambem acredita?

D. CHRISTINA

Elle tem-me falado della em muitas cartas.

ROSINHA

(*Nervosa*) — E dizia que gostava della, que se queria casar com ella, que...

D. CHRISTINA

Não, não me dizia.

ROSINHA

(*Alliviada*) — Então a senhora não tem certeza?

D. CHRISTINA

Pois elle não me disse nada ainda!... Supponho, como você suppõe.

ROSINHA

Tratam-n'o já como um parente... Vêm até conhecer a senhora... E é a filha de um ministro!...

D. CHRISTINA

Eu estou embaraçada é com a hospedagem. Mas com você aqui a casa vae ficar mais alegre.

ROSINHA

(*Triste*) — Eu, mamãesinha?...

D. CHRISTINA

Você é moça, póde fazer companhia a Cecilia, sahir com ella e com Henrique a passeios. Hão de se rir muito.

ROSINHA

Não, mamãesinha... (*Ligeira pausa*) Eu sou muito infeliz para poder rir. (*Atira-se a soluçar ao pescoço de D. Christina.*)

D. CHRISTINA

Que é isso, filhinha? Não chore! Si gosta de alguem, diga-me, que eu a protegerei. Você ha de casar com quem quizer. O compadre, ainda agora, deu-me carta branca.

ROSINHA

(*Levantando-se a limpar as lagrimas*) —Perdôe, mamãesinha. E' uma tolice. Ando tão nervosa! (*Approximando-se da commoda*) A begonia que eu lhe trouxe como está viçosa! E' como certos corações que nasceram para viver na sombra e na dôr... Como o meu! (*Toma o vaso nas mãos*).

D. CHRISTINA

(*Levanta-se vagarosamente*) — Vae contar-me de quem gosta e havemos de arranjar tudo a seu gosto...

ROSINHA

A senhora não póde fazer nada. E' um coração que já pertence a outra. (*Olhando o vaso*) Pobre begonia!...

SCENA IX

As mesmas e Henrique

HENRIQUE

(*Ao entrar*) — A linda surpreza!... Boa noite! Não me esperavam ainda?

D. CHRISTINA

Henrique!

HENRIQUE

(*Atirando-se aos braços de D. Christina*) — Minha mãe!....

ROSINHA

(*Deixa cahir o vaso*) — Elle!

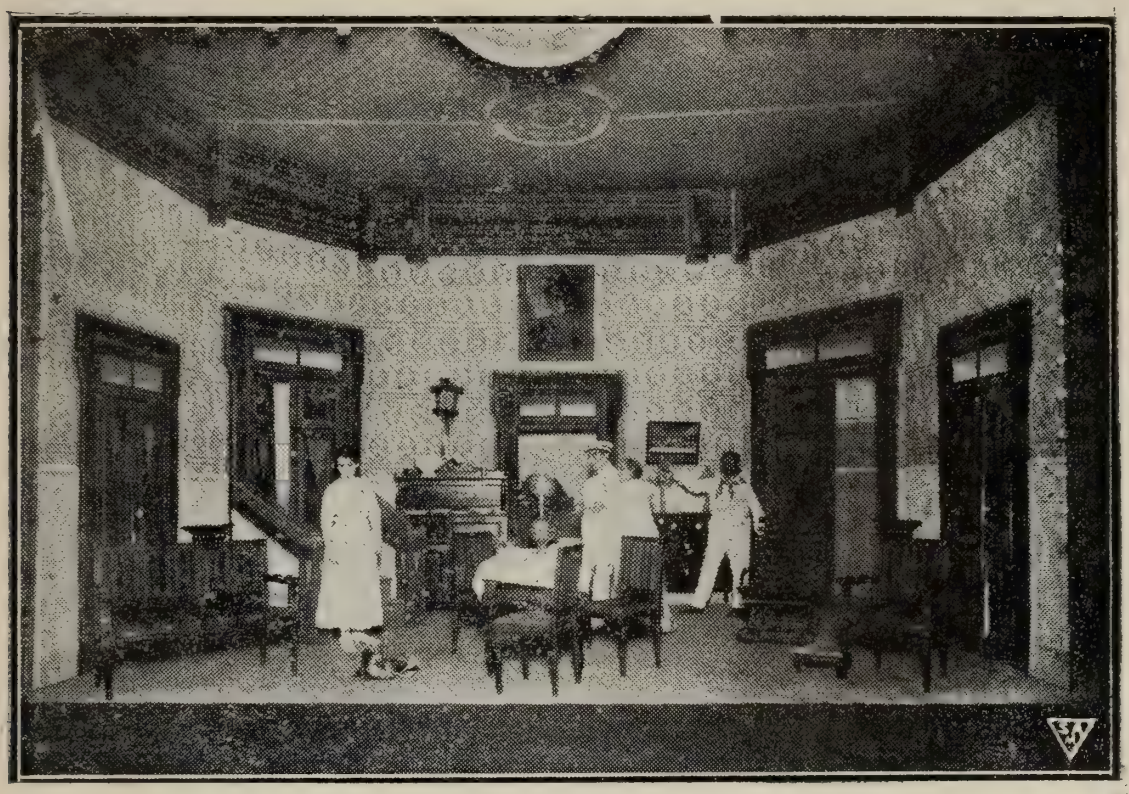
D. CHRISTINA

(*Abraçada a Henrique*) — Oh, Rosinha, minha begonia!

HENRIQUE

Que desastre! E fui eu o causador. (*Deixa D. Christina e vae apanhar o vaso de begonias. Abai-*

xa-se ao mesmo tempo que Rosinha.) Bôa noite, Rosinha. (*Ergue o vaso e entrega-o a Rosinha*)



1° ACTO — SCENA IX
D. CHRISTINA — Oh, Rosinha, minha begonia!

ROSINHA

(*Recebendo o vaso*) — Bôa noite, Henrique!

HENRIQUE

Que peccado! Depois de tão longa ausencia... Dizem que é de mau augurio! Felizmente salva-se a planta.

D. CHRISTINA

E' difficil que resista!

HENRIQUE

Um pouco de terra nova e ella reflorirá.

ROSINHA

(*Melancolica, a sorrir*) — Talvez!... Ha uma coisa, porém, que não se concerta mais...

HENRIQUE

Que é?

ROSINHA

(*Demoradamente*) — O vaso... que quando é tosco, assim, ninguem nelle repara...

D. CHRISTINA

Chame Adelaide; ella arranjará outro vaso.

ROSINHA

Vou eu mesma. A Adelaide tem as mãos muito grossas para cuidar destas flores. (*Sáe*)

SCENA X

Henrique e D. Christina

D. CHRISTINA

Devias ter esfalfado os animaes para chegar assim tão depressa.

HENRIQUE

(*A rir*) — O troly ainda está em caminho, minha mãe. E' uma cousa fossil. Não sei como ha ainda quem ande de troly!

D. CHRISTINA

(*Desapontada*) — Não vieste nelle?

HENRIQUE

(Acariciando-a) — Não. Seria um supplicio !

D. CHRISTINA

(*Vexada*) — Tinha mandado pintal-o de novo para esperar-te. Todos nós aqui andamos de troly !

HENRIQUE

(*Consolando-a*) — Não se desaponte com o seu troly. Eu o acho muito lindo, mas para o ver de longe, como uma reliquia. Felizmente o Oswaldo recebeu a tempo o meu telegramma e levou o automovel á estação. Elle tem uma optima machina para as nossas pessimas estradas. Viemos em um quarto de hora da estação aqui. Mas que solavancos! Nem podiamos conversar. Elle estava, ás vezes, acima da minha cabeça, outras vezes, á altura das minhas pernas. Eu tinha a impressão de uma gangorra.

D. CHRISTINA

O Oswaldo ? O filho do fallecido Manuel Ignacio ?

HENRIQUE

Justamente. Um excellente rapaz.

D. CHRISTINA

Fizeste mal em vir com elle!

HENRIQUE

Por que, minha mãe? (*Descalça as luvas e vae collocal-as com o boné sobre uma cadeira.*) Eu

conto justamente com elle para os dias que vou passar aqui. E', talvez, o unico animal civilizado que ha ahi na cidade.

D. CHRISTINA

Civilizado demais ! Já poz fóra metade da fortuna que herdou. Logo que o Manuel Ignacio morreu, sahiu em viagens, deu que falar, dissipou o que havia recebido e, ha seis mezes, voltou para ser o escandalo da freguezia.

HENRIQUE

Que fez elle ? E' um rapaz moderno, com habitos de sociedade, elegante, intelligente.

D. CHRISTINA

Eu sei, apenas, pelo que dizem, mas, ao que parece, voltou sem religião, criticando todos, até o vigario ! Um dia destes foram pedir-lhe uma esmola para os pobres de S. Vicente de Paula. Sabe o que elle respondeu ?

HENRIQUE

(*A rir*) — Algum dos seus paradoxos habituaes.

D. CHRISTINA

Que estava prompto a dar dinheiro e comprar carabinas para que se fuzilassem todos os pobres. Que o pobre é um parasita, como a tiririca, como a herva de passarinho. E que alimentar as hervas de passarinho, era matar as bôas arvores.

HENRIQUE

(*A rir*) — E' extraordinario !

D. CHRISTINA

Apresentaram-lhe uma subscripção para a Etelvina, que ficou viuva e sem recursos, e que foi muito protegida do Manuel Ignacio. Disse que não assignava porque viuvas eram estabelecimentos em *chômage*. Ninguem sabia o que era isso. Elle explicou, a rir, que eram estabelecimentos que estavam fechados porque queriam! Ora veja!

HENRIQUE

(*A rir*) — E' extraordinario!

D. CHRISTINA

Parece que não entendeste bem o que elle quiz dizer.

HENRIQUE

(*A rir*) — Entendi, sim. Mas isso é adoravel! Não assigna subscripções para viuvas porque não quer proteger o *chômage!*

D. CHRISTINA

Vejo que vocês na cidade pensam todos pela mesma cabeça. Não julguei que meu filho voltasse, tambem, com esses disparates. Aqui, foi um escandalo. Aqui, ainda se dão esmolas, ainda se vae á egreja e ainda se respeitam as senhoras.

HENRIQUE

(*Abraçando-a*) — Tambem nós na cidade, minha mãe. Não se escandalise com o meu riso. Eu acho graça ao Oswaldo, porque é um typo commum em dia de hoje, o typo do rapaz rico, fri-

volo, intelligente, ignorante, que diz sempre o que não pensa e não pensa no que diz. E' um excellente amigo, entretanto!

D. CHRISTINA

Preferia que não andasses com elle, mas como está ahi, recebe-o, emquanto vou mandar servir o jantar. (*Sáe*)

HENRIQUE

A seu commodo, minha mãe. Creio que Oswaldo janta comnosco.

SCENA XI

Henrique, Oswaldo e Possidonio

HENRIQUE

E' extraordinario o Oswaldo!

OSWALDO

(*Entra, de costas, pela porta por onde sahiu D. Christina*) — Todos os meus cumprimentos, minha senhora! Criado respeitador de V. Ex.! (*Voltando-se para Henrique*) Tua mãe deve estar a benzer-se. (*a rir*) Encontrou o demonio no corredor. Não me póde ver! (*Levando as mãos aos rins*) Ai! tenho os rins destroçados! Dez minutos abaixado a concertar o carburador, desancaram-me. Conheces vicio mais indecente do que o trabalho?

HENRIQUE

Um trabalho de dez minutos que desanca um homem é, de facto, indecente!

OSWALDO

Só conheço uma coisa mais indecente, que é a mãe.

HENRIQUE

(*Serio*) — A mãe ? Hom'essa...

(*Possidonio apparece á porta, sem ser visto pelos que estão em scena*).

OSWALDO

O trabalho como mãe de todos os vicios.

HENRIQUE

(*A rir*) — Ah! antigamente a ociosidade é que era a mãe de todos os vicios.

OSWALDO

Antigamente... antigamente!... Hoje é socialismo: pouco trabalho! Como andam atrazadas as escolas de marinha! A vadiação é a mãe de todas as virtudes e de todas as artes. Só o vadio é grande e nobre, porque tem tempo para se ennobrecer, para sonhar, para descobrir novos horizontes, para espalhar um pouco do pó de arroz da phantasia sobre a carcassa velha da vida. O vadio sonha, e é do seu sonho que surgem as obras de arte, os quadros, os versos, a musica, os monumentos, tudo que ha de bello na vida! Até egrejas... O vadio ama!... A ociosidade é, pois, a mãe do amor, que é a vida, e portanto é a mãe da vida! A ociosidade é a mãe da phantasia, e sem a phantasia este mundo seria uma bigorna para moer os rins dos homens hones-

tos... como eu! Ai!... ai! (*Endireita-se a apertar os rins*).

POSSIDONIO

(*Que durante as falas acima dá signaes de approvação*) — Eu vím saber si os cavallos ainda demoram muito para chegar.

HENRIQUE

Que cavallos?

POSSIDONIO

(*Indica Oswaldo*) — «Seu» Oswaldo disse que o "estromovel" tinha vinte cavallos. Eu ainda não vi chegar nenhum. O Elias já está no paiol preparando o milho.

OSWALDO

(*Ri*) — Ah!... ah!... ah!... Vá descançado, meu velho. Os cavallos do progresso não comem milho. Jantam nos "restaurants"!

HENRIQUE

(*Rindo-se*) — Não se incommode com os cavallos. Póde ir!

POSSIDONIO

(*Sàe a rír alvarmente*) — Cavallo no "restaurant"! Puxa!...

OSWALDO

(*Endireitando o busto*)—Felizmente passou!...

HENRIQUE

Dez minutos de trabalho fizeram-te gemer!

OSWALDO

Dez minutos, mas dez minutos de cócaras!... Dez minutos de cócaras valem por um dia de pé... De cócaras, é um retrocesso. E tudo por economia! Por economia mandei soldar o *gicleur*, em vez de o substituir por um novo. Ahi está no que deu a economia! Positivamente, a vadiação é a mãe de todas as virtudes e a economia é a mãe de todos os vicios. (*Senta-se a cavallo numa cadeira*).

HENRIQUE

Acabas por mudar o sentido de todas as palavras.

OSWALDO

Eu, não. O seculo. Não me confundas com o seculo. O seculo é uma coisa medonha, pesada, vestida de preto, ás vezes de cartola, e sempre escura. Quando encaro o seculo, parece-me que ólho o fundo de um tunnel.

HENRIQUE

(*A rir*) — O fundo de um tunnel?

OSWALDO

Para o seculo o ocioso é brilhante e o economico é avarento. Eu, por exemplo, sou brilhante. Tu és avarento! Se olhares o fundo do tunnel verás tua imagem transformada em tio Gaspar.

HENRIQUE

E por que? Eu não sou rico como tu.

OSWALDO

Vejam isso! Um rapaz *chic*, official de marinha, distincto, elegante, admittindo ainda em casa de seus paes, no «lar» ... de seus antepassados, esses moveis!... «Porca miseria!», como diz o italiano.

HENRIQUE

(*Desapontado*) — São moveis de familia que têm vindo de geração a geração.

OSWALDO

Tens cada idéa! De geração a geração só o dinheiro!... E esse mesmo até chegar ás mãos de um herdeiro intelligente, porque eu, por exemplo, não pretendo passal-o adeante! As fortunas accumulam-se emquanto se succedem as gerações de idiotas. Uns vão passando o dinheiro aos outros, até que surja um descendente genial, como este teu criado, que bebe pelas tradições da familia algumas centenas de garrafas de champanha «frappée», e substitue o trabalho humilhante dos «an...te...passados...» pelos nobres officios de um can-can d'escacha! (*Faz uma pirueta. Dá com o retrato do pae de Henrique*) — Quem é aquelle macacão fardado?

HENRIQUE

E' o pae d'este macaquinho!...

OSWALDO

Desculpa-me. Não conheci teu pae. Em todo o caso não ha offensa.

HENRIQUE

Não, não... E' apenas desagradavel.

OSWALDO

Si é desagradavel, agradece ao Darwin. Para elle, todos nós descendemos de macacos, com farda da Guarda Nacional ou sem ella. Ha mosquito-sargento, póde haver macaco-capitão!

HENRIQUE

(*Olhando os moveis*) — Ao entrar aqui achei uma certa poesia nestes moveis, mas, de facto, estão um pouco estragados.

OSWALDO

Um pouco? E' bondade tua. (*Exclamativo*) Tudo isso tem dois seculos! E vaes trazer a esta casa a linda Cecilia, acostumada á linha e á elegancia, cujo posterior está habituado a cadeiras acolchoadas...

HENRIQUE

Oh! tu és irreverente!

OSWALDO

Oh, meu caro, si queres que faça reverencias ao posterior das damas!... (*O cuco dá horas*) Oh, ainda mais isso! Isso é antediluviano! (*O cuco continua a dar horas. Oswaldo levanta-se, vae ao relogio e prende-lhe as correntes*) Eu enforco este animal!... Imaginem a bella Cecilia, elegante, perfumada, astral, cuja vida deve ser medida pelos minuetes dos carrilhões, a ouvir esse pio agourento!...

HENRIQUE

Fala mais baixo! Mamãe pode ouvir!

OSWALDO

Mamãe!... Meu caro tenente da Armada!... Meu guerreiro!... o teu mamãe cheira-me a pastinha e a brilhantína de um heróe de Offenbach!

HENRIQUE

Creio que se pode ser heróe e ter mãe!...

OSWALDO

Naturalmente! Ninguem prohibe. Mas quando se chega a ter certo brilho, como tu, reformam-se os parentes... pela compulsoria! E' preciso dar á casa uma caixa de sapolio, e á familia uma folhinha, para que ella não fique empacada de rheumatismo, cincoenta annos para traz. E' preciso substituir esses moveis, si não queres que Cecilia forme uma deploravel idéa a teu respeito, e machuque-se toda na dureza de tuas tradicionaes cadeiras!...

HENRIQUE

Como queres que os substitua? Não ha tempo. Cecilia encontrará a casa em que eu nasci, como é.

OSWALDO

Então, por que tambem não te apresentas sem roupa, como nasceste? Com o umbiguinho de fóra?!...

HENRIQUE

Ora essa!

OSWALDO

Salvo si nasceste assim, fardado de tenente da Armada. Não era um nascimento; era um submarino!... Ouve cá: voltemos á cidade. Tenho uns moveis que trouxe de Londres. Ha nelles alguns microbios de dissolução, mas isso hoje, filho!... Feito? Põe-se isto que é um brinco.

HENRIQUE

Feito, mas depois do jantar.

OSWALDO

Não ha tempo a perder. Jantas commigo. Tenho um cozinheiro francez que não pago para que elle não pense em abandonar-me. Em Paris, creio que foi limpa-trilhos de uma fabrica de aeroplanos. Aqui, tem sido tudo! inclusive cozinheiro. Espera chegar a ser qualquer coisa menos: deputado, ministro, senador ou presidente da Republica, quando nós, com os ridiculos e os erotismos de nossa paixão por tudo que é francez, tivermos a ventura suprema de ser governados pela França, ou pelas francesas!... Vamos embora! Jantas commigo.

HENRIQUE

Mas hoje? Logo no primeiro dia de meu regresso? Mamãe pode maguar-se.

OSWALDO

Mamãe... mamãe... Queres uma mammadeira?! Vamos embora, homem! Ou preferes a banalidade de uns coroneis, de umas meninas romanticas que deve haver ahi pela casa, e a

bacharelice de um leitãosinho assado, com duas azeitonas nas ventas espipadas para o ar, e a estupidez pretenciosa e enfatuada de um perú com farofa? Vamos!

HENRIQUE

Pois vamos. Dou uma desculpa a minha mãe.

SCENA XII

Os mesmos, D. Christina, e depois Adelaide

D. CHRISTINA

(*A Henrique*) — O jantar está prompto. Falta apenas teu padrinho, que não deve demorar.

OSWALDO

(*Baixo a Henrique*) — E para sobremesa um coronel da Guarda-Nacional! E' fantastico!... E' epico!...

HENRIQUE

A senhora fará o favor de desculpar-me com meu padrinho. Eu volto com Oswaldo á cidade, e janto com elle.

D. CHRISTINA

Como? Logo hoje, nem bem acabas de chegar?... Mandei fazer um jantar todo nosso. A Adelaide quiz ella mesma preparar o leitão de forno. O perú, preparei-o eu, como tu gostas.

OSWALDO

(*Aparte*) — Ah, o miseravel! Gosta de perú com farofa!

HENRIQUE

E' que Cecilia e Mme. Cardoso devem chegar amanhã. Vou vêr uns moveis, que Oswaldo me offerece, para alegrar mais a nossa sala de jantar.

D. CHRISTINA

(*Desapontada*) — Achas, então, que estes moveis envergonham, que a nossa casa não é digna de...

OSWALDO

(*Aparte*) — Dignissima de ir para o fogo! Madeira velha e bem secca!

HENRIQUE

(*Approxima-se de D. Christina*) — Não é isso, minha mãe. Não é que envergonhem. Esta casa é a minha, é a sua.

D. CHRISTINA

E' aquella em que nasceste.

HENRIQUE

E que me faz orgulho. São duas senhoras, porém, habituadas a outros costumes, a certo luxo. E' uma pequena revolução por oito dias. Põe-se tudo, depois, no seu logar.

OSWALDO

(*Aparte*) — Ha de ser difficil achar os logares da poeira e das teias de aranha!

ADELAIDE

(*Entrando*) — «Seu» Coronel mandou avisar

que só pode vir á noite. Que a senhora desculpasse, mas é pelas eleições.

OSWALDO

Piedosa occupação! Estará a exhumar defunctos!

HENRIQUE

Neste caso, eu fico. A senhora vae jantar muito só!

D. CHRISTINA

Não, meu filho, podes ir. Nunca está só na velhice, quem está na casa em que viveram os seus.

OSWALDO

(*Aparte*) — Quanto lyrismo!...

HENRIQUE

A mamãesinha não fica zangada?

D. CHRISTINA

As mães nunca se zangam. São differentes das outras mulheres... das que lhes roubam os filhos!

OSWALDO

(*Aparte*) — Tem razão. As outras são, geralmente, estereis! (*Para Henrique*) Vamos, Henrique! (*Para D. Christina*) Com licença de V. Ex. (*Curva-se e sae*).

HENRIQUE

Até loguinho, mamãe. Antes das 9 horas estarei de volta. Tenho muita coisinha para lhe contar. (*Sáe*).

ADELAIDE

Posso servir o jantar ?

D. CHRISTINA

Chame Rosinha !

ADELAIDE

D. Rosinha não queria vir á mesa por causa daquelle moço. Tinha vergonha. (*Ouve-se o fon-fon do automovel*) Jantou na cozinha, e está passeando no terreiro.

D. CHRISTINA

Traga-me um prato de sopa. E' bastante.

ADELAIDE

Tenho pena é do jantar. Fizemos tanta coisa e a senhora vae jantar sósinha.

D. CHRISTINA

Sósinha, não ! (*Olha o retrato do marido e sorri, evocando dolorosamente*) Janto com elle, como sempre ! Com elle, para o qual a casa nunca seria velha !... (*Ouve-se no terreiro a voz de Rosinha a cantar*).

PANNO LENTO

Fim do 1.º acto

ACTO II

Mesmo scenario do 1.º acto, com mobiliario moderno. As paredes estão cobertas por grandes "gobelins". Ha dois ou tres quadros de nú. Reposteiros e cortinas. Na janella que dá para o terreiro, um rico "store". Sob o "store", uma linda jardineira com uma palmeira. Aos cantos, vasos de flôres tropicaes. Poltronas estofadas, em grupos.

SCENA I

D. Christina e Adelaide

(Adelaide vestida de preto, de avental e touca)

D. CHRISTINA

(*Vestida para sahir, de mantilha*) —Não achaste meu terço?

ADELAIDE

Ficava sempre em cima da commoda. Com a revolução que "seu" Henriquinho e "seu" Oswaldo fizeram na casa, não se acha mais nada.

D. CHRISTINA

Está bom. Rezarei pelos dedos. Felizmente, está a acabar a hospedagem. Oh, que martyrio tem sido!

ADELAIDE

E' só até amanhan.

D. CHRISTINA

O filho do Manuel Ignacio tomou conta da casa. E' quem hospeda, é quem dirige tudo. (*Em outro tom*) Abotôa-me os sapatos. (*Senta-se e afunda na cadeira de mólas. Levanta-se,indignada*) Veja isto si é cadeira!

ADELAIDE

Nessas cadeiras é preciso sentar-se de banda.

D. CHRISTINA

(*Senta-se com cuidado*) — Tudo transformado, tudo mudado! Nem a minha rêde, nem o retrato de meu marido!

ADELAIDE

(*Abotoando os sapatos de D. Christina*) — O que "seu" Oswaldo diz é que é, para seu Henriquinho e para D. Cecilia!...

D. CHRISTINA

E' outra! Uma cabeça de vento! Parece que o Henrique está cahido por ella. Ah, não ha de ser por meu gosto!

ADELAIDE

Nem pelo meu. Sto. Antonio está dormindo no sereno com esse frio, e não volta para dentro si não fizer casar "seu" Henriquinho com D. Rosinha.

D. CHRISTINA

Com essa, sim! E' da nossa raça, da nossa terra, de nossos costumes. Henrique, porém, deixa-se levar pelas momices da outra. E' o que diz o ditado: «Casamento e mortalha no céu se talha».

ADELAIDE

Si Sto. Antonio não talhar este, fica lá fóra tomando geada. Deixe-o por minha conta!

D. CHRISTINA

Será o que Deus quiser! (*Levanta-se*)

ADELAIDE

O almoço hoje é ao meio dia. "Seu" Oswaldo disse hontem, á noite, que avisasse todos.

D. CHRISTINA

E' o dono da casa, agora. Installou-se aqui como um rei.

ADELAIDE

Elle e aquelle implicante do cozinheiro que veiu com elle. E' todo *oui... oui!* Parece um porquinho novo! Com todo seu luxo põe a carne sem lavar no fogo! Diz que é moda franceza.

SCENA II

As mesmas e Rosinha

ROSINHA

Bom dia, mamãesinha. Bom dia, Adelaide!

D. CHRISTINA

Já se levantou, Rosinha? Bom dia!

ROSINHA

Ouvi a senhora andar, e lembrei-me da reza. Hoje é domingo. Eu, tambem, não deixo de ir á reza do domingo, quando não posso ir á cidad'e á missa. (*Ouve-se o toque do sino*)

D. CHRISTINA

Vamos, então. Estamos na hora. Você puxará o terço.

ROSINHA

Vamos!

ADELAIDE

Não quer mandar fazer alguma coisa para o almoço? A senhora não come aquellas comidas!

D. CHRISTINA

Não; até amanhan continuo a não mandar. O filho do Manuel Ignacio que determine. (*Olhando os moveis*) Felizmente, é só até amanhan. Depois, tudo isso voltará para a cidade. Teremos, de novo, a nossa casa qual ella era, como ella sempre foi... sem tapetes, sem luxo... sem progresso... mas nossa, e bem nossa, e dos que foram nossos. (*Sáe com Rosinha*).

SCENA III

Adelaide, Possidonio e Henrique

ADELAIDE

Tem razão! Olhe para aquillo, Possidonio! (*Mostra o quadro de nú*).

POSSIDONIO

"Seu" Oswaldo diz que é nú do salão. Coisas da cidade!

ADELAIDE

Aqui na roça a gente nem no quarto fica assim, quanto mais no salão. (*Toque de campainha á direita. Voz de mulher:* Adelaide! Adelaide!... *Adelaide toma a direcção da direita*) Já vou! São ellas! E' abrirem os olhos e gritar Adelaide! Sentam-se, de camisola, na cama, nem bem acordam, e a gente tem que lhes levar tudo na mão! Si "seu" Henriquinho as visse de manhan! Moça da cidade deita com uma cara e levanta com outra.

POSSIDONIO

Não é como as nossas que levantam com a cara da vespera, e nem parece que se deitaram. Ah! Adelaide... Si você quisesse não tinha nem vespera, nem dia... Emendava o hontem com o amanhan!... (*Toque de campainha á esquerda. Voz masculina:* Adelaide!... Adelaide!)...

ADELAIDE

Agora é "seu" Oswaldo. E' pelo café. Aquelle então, recebe a gente todo descomposto e si eu viro a cara, diz logo: Donzella, nunca se deve virar a cara á belleza natural, tal qual Deus a fez! (*Voz feminina e campainha á direita:* Adelaide!... Adelaide!...) Já vou!... (*Junto á porta da esquerda*) Já ouvi!... Já lhe levo o café!

OSWALDO

(*Do quarto*) — Traga o binoculo para ver a natureza!

POSSIDONIO

Uai! (*ri*) Isso é que é gente para se divertir! (*sáe*).

ADELAIDE

Virgem! (*Persigna-se*). (*Toque de campainha á direita*) Lá vou! E' preciso ter, pelo menos, quatro pés para servir essa gente civilizada da cidade. (*Sáe pela direita e volta rapidamente*)

HENRIQUE

(*Entra e procura um objecto qualquer sobre os moveis*) — Não viu a minha «gilette»?

ADELAIDE

Está ali no quarto!

HENRIQUE

No quarto de Mme. Cardoso? Quem a levou para lá?

ADELAIDE

Ella foi com a mãe, hontem, á noite.

HENRIQUE

(*Aparte*) — Para que diabo precisaria Mme. Cardoso da minha navalha! (*Alto*) Talvez você se tenha enganado. Quem sabe si o Oswaldo a levou para o quarto delle?

ADELAIDE

(*Aparte*) — Cruzes, como elles falam isso sem vergonha! (*Alto*) Não, senhor, ella dormiu com a mãe.

HENRIQUE

Quem ? quem ?

ADELAIDE

D. Cecilia.

HENRIQUE

(*A sorrir*) — Quem lhe falou em D. Cecilia ? Eu perguntei pela minha «gilette». A navalha!...

ADELAIDE

Como eu ouvi, hontem, "seu" Oswaldo dizer Ceciliette... Uma hora é «mademoiselle», outra hora é Ceci, outra hora é Ceciliette... Eu já nem sei!

HENRIQUE

O Oswaldo ?

ADELAIDE

Com licença! Estou servindo as senhoras. (*Vae sahir*).

HENRIQUE

Venha cá !

ADELAIDE

Eu já volto. Estou occupada.

OSWALDO

(*Do quarto*) — Adelaide, o café!

ADELAIDE

Espere! Estou occupada com as senhoras ! (*Sáe*).

SCENA IV

Henrique e Oswaldo

HENRIQUE

Ceciliette? O Oswaldo? (*Toma scena, pensativo*).

(*Campainha á esquerda*).

OSWALDO

(*Pondo a cabeça pela fresta da porta*) — Adelaide, traze o café e o binoculo!

HENRIQUE

Um momentinho, sim? Adelaide está servindo Mme. Cardoso.

OSWALDO

Traze-me tu, então, o café. Não estás a fazer nada. Si continuas assim, enferrujam-te as juntas!

HENRIQUE

(*A sorrir*) — Meu caro, a ociosidade é a mãe de todas as virtudes. Aprendi isto comtigo. Só o vadio é brilhante. Espera, pois, pela Adelaide!

OSWALDO

Perdão! As minhas theorias, como as minhas camisas, são feitas sob medida, para meu uso pessoal. Traze-me o café, ou desfalleço de fome liquida! Convence-te de que a ociosidade só é virtude quando a Adelaide não está occupada!

HENRIQUE

Bem, bem! Vae para a cama que eu te levarei o café.

OSWALDO

"Grazzie tante, merci, mon coco, dank schöne, thank you!" Si o mar não existisse, era necessario creal-o só pelo prazer de termos officiaes de marinha que nos trouxessem o café! (*Sáe*).

HENRIQUE

Obrigado pela Marinha.

SCENA V

Henrique, Adelaide, Oswaldo, e depois Possidonio

ADELAIDE

(*Traz na mão esquerda uma bandeja de café, na direita uma bandeja de chá, e, pendurado a um dos dedos da mão direita, um jarro d'agua*) — "Seu" Henriquinho faz o favor de bater á porta de "seu" Oswaldo!...

HENRIQUE

Como vem isso! (*A rir*) Pareces um armarinho! (*Bate á porta de Oswaldo*).

ADELAIDE

Que quer? Pedem tudo ao mesmo tempo!

OSWALDO

(*Apparece á porta, e recebe a bandeja*) — Obrigado, meu almirante! (*Olhando Adelaide*) O' Adelaide, dize ás senhoras que nessa agua em que se vão banhar distilla-se a admiração incondicional de dois iconoclastas vencidos. Famoso! (*Recolhe-se a rir*).

ADELAIDE

Eu não entendo metade do que "seu" Oswaldo diz. Elle fala um portuguez de luxo! Vou levar o chá ás senhoras. (*Encaminha-se para a direita*).

HENRIQUE

Diga-me, Adelaide! Ouviu mais alguma coisa da conversa de Oswaldo com Cecilia?

ADELAIDE

Não, senhor. Eu ia passando; ia arrumar o quarto de "seu" Oswaldo. Por signal que lá no quarto estava uma linda rosa vermelha em cima do criado surdo.

HENRIQUE

Criado mudo.

ADELAIDE

Sim, senhor, surdo-mudo, porque tambem não ouve. Uma rosa egualzinha áquella que D. Cecilia tinha, hontem, no peito, ao jantar.

(*Voz feminina e campainha á direita* : Adelaide!).

HENRIQUE

Uma rosa egual?

ADELAIDE

Com licença! Já vou! Oh, que gente! (*Sáe pela direita*).

HENRIQUE

Cecilia, de facto, não tinha a rosa ao peito, hontem, á noite Tel-a-ía dado a Oswaldo? Quem

sabe si não é a mesma? Vejamos. (*Junto ao quarto de Oswaldo*) Oh, Oswaldo! Sou eu! Abre!...

OSWALDO

(*Entra em scena. Está de pyjama, tem uma chicara e um biscouto nas mãos*) — Que me queres, pirata?

HENRIQUE

Nada! Ia fazer-te companhia. Estava só, aqui.

OSWALDO

Perdão. Isso está mal deduzido. Si estavas só ias procurar-me, era para que eu te fizesse eompanhia. E não se perturba um café com leite delicioso, filho de mãe amorosa, por tão lamentavel desejo de sociabilidade!

HENRIQUE

E's um ingrato!

OSWALDO

Póde ser. Tu mudas o nome de todos os sentimentos. Ingrato para mim é quem agradece!

HENRIQUE

Ah, mais uma!

OSWALDO

Quem não agradece, fica a dever. E quem deve, lembra-se sempre do credor. Ora, uma pessoa que se lembra sempre de uma outra que lhe fez um beneficio é uma pessoa incomparavel! Póde ser caloteiro; ingrato nunca. Precisas de um diccionario novo.

HENRIQUE

Quando publicares o teu conta commigo. Por emquanto, sigo o da maioria.

(*Possidonio entra com uma tina de plantas, e vae collocal-a a um canto. Presta attenção ao dialogo, e dá signaes de approvação ao discurso de Oswaldo*).

OSWALDO

A maioria é o absurdo! A maioria nunca resolve! E' a estupidez, é a ignorancia. As minorias é que governam. Os generaes é que dirigem os soldados, os deputados é que fazem as leis para o povo. Os poucos e grandes espiritos é que dirigem as sciencias e as artes. (*Bebe um gole de café*) E ainda no café com leite, é a minoría do café que dá o gosto á maioria do leite!

HENRIQUE

Está bem! Está bem! Estará no teu quarto a minha gilette?

OSWALDO

Só si tu a puzeste lá! (*Vendo que Henrique se dirige para o seu quarto*) Espera! Não póde estar. Meu quarto estava fechado, hontem á noite. A Adelaide levou a chave por esquecimento. E tu fizeste a barba á hora do jantar.

HENRIQUE

Tens razão!

OSWALDO

(*Acabando o biscouto*) — Estes biscoutos são deliciosos. Si não fosse o trabalho de ir buscar um outro!...

HENRIQUE

Não seja por isso. Vou eu buscar. (*Entra para o quarto de Oswaldo*).

SCENA VI

Oswaldo, Adelaide e Possidonio

OSWALDO

Obrigado! (*Espicha as pernas*) E dizem que a maioria é que resolve! Todos aqui trabalham para mim! Oh, a vida do vadio é brilhante.

(*Possidonio dá uma gargalhada*).

OSWALDO

Que é isso ? Por que abres as tuas mandibulas em rincho tão desharmonico ?

POSSIDONIO

E' sim, senhor. Tem razão. (*Sáe a rir*).

ADELAIDE

(*Vem da direita com a bandeja de chá*) —Bom dia, "seu" Oswaldo.

OSWALDO

Bom dia, donzella. As senhoras já se levantaram ?

ADELAIDE

Acabam de tomar chá, e já se estão a vestir. Não achou uma rosa no seu criado-surdo ?

OSWALDO

Uma linda rosa vermelha ? Sim.

ADELAIDE

Fui eu que a puz lá !

OSWALDO

Bravos ! E' sempre assim. Começam por virar a cabeça á natureza e acabam por falar a linguagem das flôres !

ADELAIDE

Hontem, depois do jantar, quando eu estava arrumando a cama, atiraram aquella rosa pela janella. Eu apanhei-a e colloquei-a no seu criado-surdo. Não diga nada a ninguem. (*Confidencial*) Fica em segredo. (*Aparte*) Deus me perdôe a mentira !

OSWALDO

Admiravel instituição o segredo na bocca das criadas de servir ! Dize-me ! Não tiveste curiosidade de ir á janella ver quem atirou a flôr, pudibunda donzella !

ADELAIDE

Deixe de asneiras commigo ! (*Sahindo*) A flôr parece com a que D. Cecilia tinha no peito á hora do jantar. (*Sáe*).

OSWALDO

A Cecilia !... Innegavelmente o vadio é brilhante !

SCENA VII

Oswaldo, Possidonio, Adelaide e Coronel

POSSIDONIO

"Seu" coronel está ahi!

OSWALDO

Pois mande-o entrar.

POSSIDONIO

Como "vossuncê" está com essas bombachas, vim avisal-o. "Vossuncê" podia querer esconder-se...

OSWALDO

Esconder-me? Que tem minhas bombachas, como lhes chama? Andam vocês a adorar feitiços. E' algum bicho, o coronel?

ADELAIDE

(*Reapparecendo*) — Feitiço não, senhor! Padrinho cura melhor que seu doutor, sem remedio de botica! Cura até leicenço sem expremer!

POSSIDONIO

(*Para fóra*) — Faz favor, "seu" coronel!

CORONEL

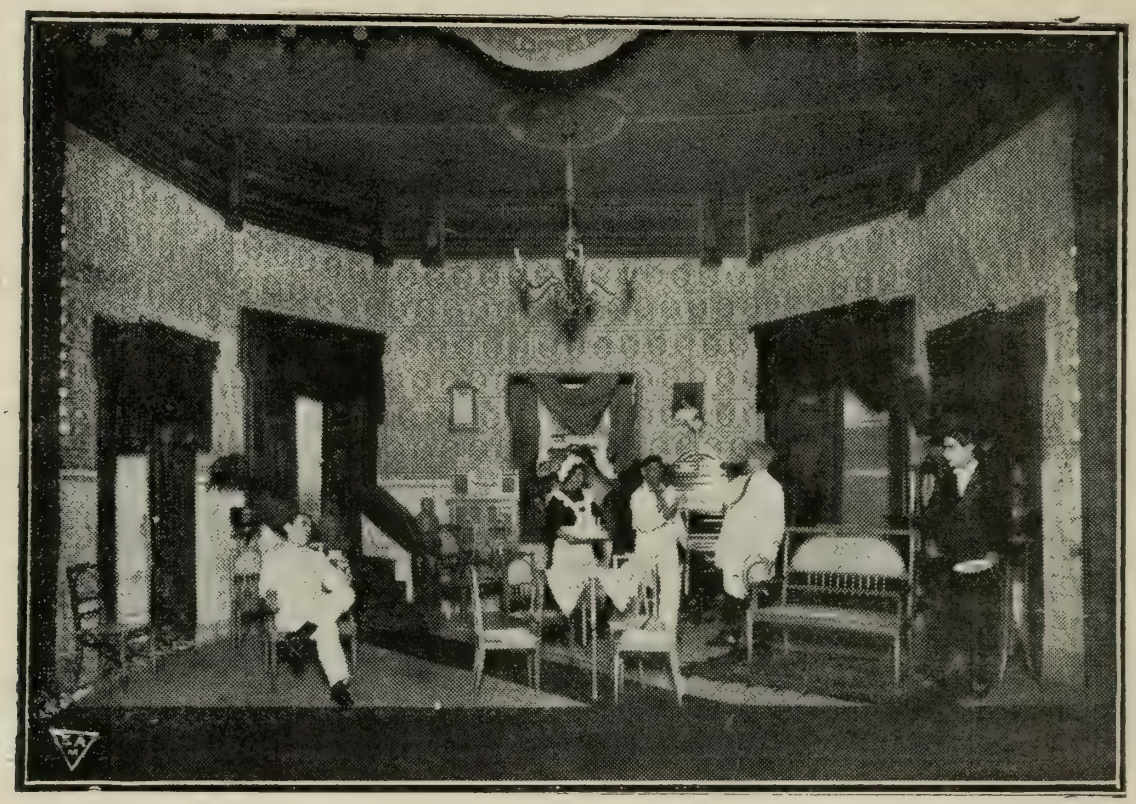
(*Entrando*) — Bons dias para os de casa!

POSSIDONIO

(*Beija-lhe a mão direita*) — Sua bençam, padrinho!

ADELAIDE

(*Beija-lhe a mão esquerda*) — Sua bençam, meu padrinho !



ACTO II — SCENA VII

POSSIDONIO — Sua bençam, padrinho.

CORONEL

Deus vos abençôe, afilhados.

OSWALDO

(*Sem se erguer*) — Bom dia, coronel !

CORONEL

Bom dia ! (*Para Adelaide*) A comadre e a Rosinha ?

ADELAIDE

Estão na capella, sim, senhor !...

POSSIDONIO

Si "seu" coronel demora eu vou afrouxar os arreios.

CORONEL

Obrigado. Não demoro. Vim ver uns eleitores, ahi na colonia, que estão duvidosos. Foi preciso dar um par de sapatos a cada um!

OSWALDO

(*Aparte*) — Antigamente, votava-se com a cabeça. Agora, é com os pés.

CORONEL

Vou encontrar a comadre na capella. (*Para Possidonio*) — Puxe o animal lá para perto. E não se esqueça de ir cedo, amanhan, para tomar conta do "viveiro". Já sabe quem é para presidente e para vice...

POSSIDONIO

(*Interrompendo-o*) — Sei sim, senhor. Os nomes não sei, mas os eleitores não perguntam. Para presidente é o enveloppe côr de abobora, e para vice é o côr de mamão aguado. Amanhan, nem bem clareie, estou firme!

CORONEL

E' isso mesmo.

POSSIDONIO

Sua bençam, padrinho. (*Beija-lhe a mão*)

ADELAIDE

Sua bençam, padrinho. (*Idem*).

CORONEL

Deus vos abençôe, e tomem lá! (*Dá uma prata a cada um*).

ADELAIDE e POSSIDONIO

Obrigado! (*Sáem*).

OSWALDO

(*Aparte*) — E' padrinho da cidade inteira! (*Para o coronel*) Admiravel instituição o voto popular, coronel! Os senhores acabam por transformar este paiz numa horta. Presidente, abobora; vice-presidente, mamão; ministros, pepinos; senadores, chuchús; deputados, rabanetes. E' epico!...

CORONEL

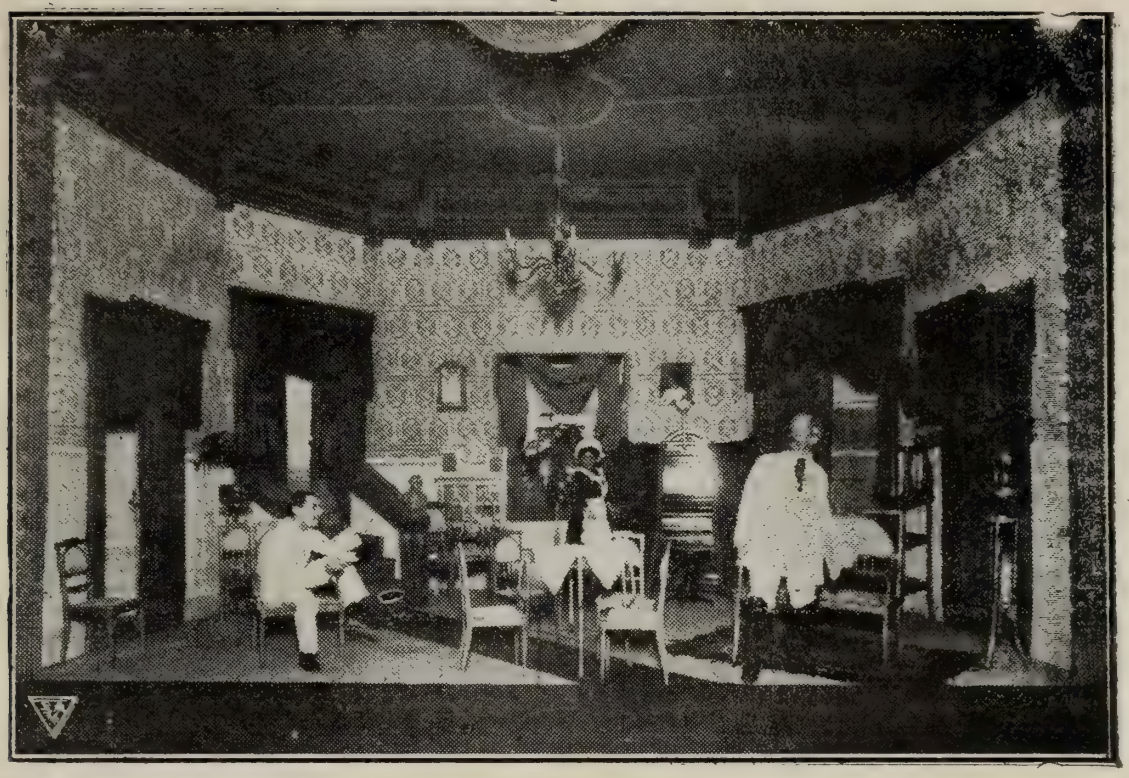
E' que elles não sabem ler. O senhor, tambem, precisa alistar-se. O alistamento já está encerrado, mas sempre que ha alguem para se alistar no nosso partido, abre-se uma excepção.

OSWALDO

Obrigado, coronel! Eu sou carnivoro. Quando houver alguma eleição de bifes e costelletas conte commigo!...

CORONEL

E é para isso que a gente manda os filhos a Paris e fica a suar aqui na roça como negro velho! (*Alto*) Até á vista! (*Sáe*).



ACTO II — SCENA VII

OSWALDO — ...Quando houver alguma eleição de bifes e costelletas, conte commigo, coronel !

OSWALDO

"Au revoir", general!

CORONEL

Menino...

OSWALDO

Desculpe-me, coronel. Enganei-me no posto, mas foi pouco. O sr. podia ser até marechal!

CORONEL

(*A sahir*) — Olhe, menino: Eu não lhe respondo porque fui amigo de seu pae — que era um homem ás direitas. Respeite, ao menos, a memoria do velho! (*Sáe*).

OSWALDO

(*A rir*) — Não ha duvida, marechal!

SCENA VIII

Oswaldo e Henrique

HENRIQUE

(*Traz um prato de biscoutos*) — Aqui tens!

OSWALDO

Obrigado, meu corsario! Um, sómente! O bom sybarita nunca satisfaz por completo os seus desejos. Porque o desejo só é prazer, emquanto é desejo. Guarda mais esta maxima para o teu uso!

HENRIQUE

(*Depõe o prato de biscoutos sobre a mesa*) — Vi em teu criado-mudo uma linda rosa! Que belleza de flôr!...

OSWALDO

Belleza e raridade, porque os criados-mudos, raramente, têm a lapella florida. São almas de pouca phantasia! (*Come o biscouto*).

HENRIQUE

Trouxeste-a do jardim?

OSWALDO

De onde querias tu que a trouxesse? Dizia o veneravel Accacio que as flôres se encontram com mais frequencia nos jardins.

HENRIQUE

E' que no jardim só ha uma roseira daquella qualidade. Havia hontem, á tarde, uma unica rosa aberta, que eu colhi.

OSWALDO

(*Aparte*) — A coisa complica-se. (*Alto*) Era, justamente, um botão quando eu a colhi, á noite, depois do jantar. Com o calor do quarto, amanheceu hoje uma rosa aberta. Até nisso, vê tú, as mulheres parecem-se com as flôres! Deitam-se num noivado e acordam numa primavera! Ainda que a primavera desabroche no criado-mudo!...

HENRIQUE

Quando não deixam os espinhos sobre o travesseiro para nos tirar o somno.

OSWALDO

(*Levanta-se*) — Os espinhos só se enterram em mãos pouco habeis. As flôres, como as mulheres, só se devem pegar por onde ellas se deixam pegar. Que ha nesta vida sem espinhos? Os espinhos são os obstaculos que a fazem acceitavel. E' preciso saber collocar a mão entre dois obstaculos, para não se ferir nos espinhos de uma rosa, ou nos alfinetes da saia de uma mulher. Eu hei de explicar-te isto melhor, depois que lavar a cara, pois agora vou fazer minha "toilette". Até logo. (*Sáe*)

HENRIQUE

Deve-se pegar a mulher por onde ella se deixa pegar... Tinha razão minha mãe. Aos velhos a vista se lhes torna mais fraca para os objectos e mais aguda para as almas! (*Anda de um lado para o outro*) Mas não é possivel... Depois do que ella me tem dito, depois do que já está combinado entre nós... Era preciso que ella tivesse

a alma tão futil quanto esse rapaz... Futil e pervertida... Emfim, estarei de guarda. E terei em mente o que me disse o proprio Oswaldo: "Em amor o que não é surpreza é decepção"...

SCENA IX

Adelaide e Henrique

ADELAIDE

(*Traz em uma das mãos os sapatos de Cecilia e de Mme. Cardoso, e na outra, os sapatos de Oswaldo e um estojo de gilette*) — Não é isto que o senhor estava procurando?

HENRIQUE

E' isso mesmo!

ADELAIDE

Estava na cozinha. O cozinheiro de "seu" Oswaldo está de barba feita... Com certeza foi com ella! (*Entra pela porta da direita*).

HENRIQUE

Não seria de admirar! Segue o exemplo do patrão! (*Sáe*)

SCENA X

Adelaide e Oswaldo

ADELAIDE

(*Vem da direita com um pé de sapato em cada mão, e encaminha-se para o quarto de Oswaldo*) — Quatro já ficaram ali. Vão mais dois aqui. (*Bate á porta de Oswaldo*).

OSWALDO

(*De dentro*) — Quem é? Queres fazer-me companhia, de novo? (*Abre a porta*).

ADELAIDE

Não quero fazer companhia a ninguem! Vim trazer os seus sapatos!

OSWALDO

Ah, és tu, florinha do campo, timida corça de peregrino candor!

ADELAIDE

Faça o favor de me dar a bandeja... Eu não gosto de conversa com "home".

OSWALDO

Entra, sympathica!

ADELAIDE

O senhor está vestido?

OSWALDO

Pódes entrar. A natureza, hoje, está nublada.

ADELAIDE

(*Entra, e volta logo, a correr, com a bandeja na mão*) — Deixe-me, deixe-me! Que arrenegado! (*Sáe, a exclamar*) Que gente a da cidade!... Parece que nunca viu mulher!...

SCENA XI

Cecilia e Mme. Cardoso

CECILIA

Mais um dia! Que vamos fazer hoje?

MME. CARDOSO

(*Com um livro na mão*) — Não gostas de lêr?

CECILIA

Não se póde passar a vida a lêr. Si eu tivesse de morar numa fazenda, morreria de tedio.

MME. CARDOSO

No primeiro dia parecias gostar.

CECILIA

No primeiro dia, gosta-se de tudo. E' a novidade. O Oswaldo tem razão de dizer que o mundo devia ser feito como um moinho que gyrasse á noite: cada manhan acordava a gente num logar differente daquelle no qual se tinha adormecido!

MME. CARDOSO

(*A rir*) — Como a cabeça delle! Nunca está no mesmo logar. (*Senta-se numa cadeira*).

CECILIA

E' quem pensa bem! A vida é curta, e é uma tolice estar a matar-se por ella. Olhe o Henrique. Delira com a marinha, estuda, trabalha, não se diverte, pensa só no futuro.

MME. CARDOSO

No futuro e no presente. Tão moço ainda, elle está vencendo brilhantemente a carreira.

CECILIA

Sem se divertir, sem ir a um theatro, sem ir a um baile.

MME. CARDOSO

Não pensavas assim antes de virmos para cá. Tu mesma lhe acoroçoavas o esforço.

CECILIA

Era mais pelas minhas amigas, para lhes fazer inveja !

MME. CARDOSO

Pois então ? Quando os triumphos do homem não servissem para outra coisa, serviriam, ao menos, para fazer inveja ás amigas de sua mulher!

CECILIA

Agora, não penso assim! O Oswaldo diz muito bem que se deve ser superior ao meio. Divertir-se, gozar a vida, e olhar os outros como animaes inferiores.

MME. CARDOSO

Bravo! Bravo! Si teu pae ouvisse essas theorias! Guarda-te bem de lhe dizer isso!

CECILIA

Papae é outro. Mata-se a trabalhar e para que ?

MME. CARDOSO

Como para que? Para te dar conforto e luxo... a vida brilhante que tanto te seduz.

CECILIA

Mas si eu me casar com um como papae, vae ser brilhante a minha vida!

MME. CARDOSO

Estás nervosa, hoje. Dormiste mal. Viravas na cama a toda a hora. Tinhas alguma cousa?

CECILIA

(*Caminhando para o piano*). — Nada: pensava na minha vida.

MME. CARDOSO

(*A sorrir*) — Toca um pouco de piano. E' um instrumento que foi feito para acalmar os nervos de quem toca e irritar os nervos de quem ouve. (*Abre o livro e começa a lêr*).

CECILIA

(*Senta-se ao piano, dá uns accordes e começa a cantar uma «romanza»; interrompe-se a meio e volta-se para Mme. Cardoso*) — Estou tão nervosa que nem para o piano tenho geito.

MME. CARDOSO

Em que pensaste, emfim, durante a noite?

CECILIA

Em que pensei? No meu casamento com Henrique. Elle deve falar, hoje, a D. Christina.

MME. CARDOSO

Não me tinhas dito nada.

CECILIA

Disse-me hontem, á noite, antes do jantar, quando me veiu trazer uma rosa, que, por signal, perdi e não sei onde.

MME. CARDOSO

Não pensei que estivesse tão adeantado.

CECILIA

Tratei de activar, desde os primeiros dias; provoquei-o, dei-lhe mesmo a entender que era urgente que fizesse o pedido.

MME. CARDOSO

Foste, talvez, a galope...

CECILIA

Mas que viemos aqui fazer? Não foi para estreitar relações, para ficar mais em contacto com Henrique, para isolal-o do ruido da cidade e para, assim, conquistal-o, definitivamente, sem perigo de uma concurrente?

MME. CARDOSO

Oh, minha filha, tens um modo de dizer as cousas!

CECILIA

Estamos entre nós. Digo-as como são. Henrique conheceu-nos; a senhora e papae acharam que era um bom partido, que era um rapaz de futuro, que papae, com seu prestigio de ministro, podia fazer subir, rapidamente. Convenceram-me de tudo isso; fizeram-n'o vir á nossa casa; convidaram-n'o para festas, para chás, para almoços, para jantares. Deixavam-nos juntos, a sós, e como elle demorasse a declarar-se, arranjou-se o pretexto desta visita.

MME. CARDOSO

Perdão...

CECILIA

A senhora mesma disse-me, quando mostrei pouco desejo de vir a esta fazenda, que eu devia fazer um pequeno sacrificio porque era um casamento excellente, e aqui, longe do barulho da cidade, juntos o dia todo, sem olhares indiscretos, o trabalho de seducção se completaria. — Não foi assim?

MME. CARDOSO

Perdão, tu exaggeras! Ninguem te falou em seducção! E' claro que se não se offerecessem opportunidades aos pretendentes, poucos casamentos se realizariam.

CECILIA

Chamemos, então, opportunidades. Eu secundei o trabalho dos senhores. A seducção, quero dizer as opportunidades, repetiram-se, e está a terminar a primeira parte desta farça, que se chama casamento.

MME. CARDOSO

Deves moderar a tua linguagem. Não são cousas que uma moça solteira diga. Chamar o casamento de farça!

CECILIA

Que são, então, os casamentos de sociedade? São combinações de interesses, nas quaes o amor não entra por nada. Ninguem se preoccupou em saber, quando Henrique nos foi apresentado, si

eu viria, ou não, a amal-o. Ainda é honesta a seducção quando é um só o bom partido que se offerece. A's vezes, são tres ou quatro, e todos os tres ou quatro frequentam, ao mesmo tempo, a casa, e todos os tres ou quatro são agradados. Deve-se amar, definitivamente, o que primeiro fizer o pedido. E' o que se chama verdadeiro amor, o amor desinteressado...

SCENA XII

As mesmas e Possidonio

POSSIDONIO

(*Entra com um par de botas de montar*) — Dão licença! Queria saber si as senhoras na cidade montam de silhão ou de soccado?

MME. CARDOSO

Hein? Que quer dizer você?

POSSIDONIO

Não vê que «seu» Henriquinho mandou deixar presos os cavallos para as senhoras irem á Caixa d'agua. O cozinheiro disse que as senhoras na cidade não montam de mulher, montam de homem!

CECILIA

(*A sorrir*) — E' isso mesmo! O cozinheiro só errou na preposição! Deviamos montar *nos* homens!

POSSIDONIO

(*Dirigindo-se ao quarto de Oswaldo*) — Mas

si é pela preposição, não tem nada, não, senhora! Eu ponho dois pellegos em cima do soccado... que não machuca, não senhora! (*Bate á porta de Oswaldo*). Dá licença? (*Voz de dentro*) Entre! (*Possidonio sáe*).

CECILIA

(*A rir*) — Tudo isso é extraordinario! — A comedia da conquista do marido!

MME. CARDOSO

Estou extranhando teu modo de raciocinar. Onde é que aprendeste essas cousas?

CECILIA

Ouvi-as, hontem, á noite, ao Oswaldo, e acho que elle tem razão. Os casamentos são, na maioria, infelizes por aquelles motivos.

MME. CARDOSO

Era de esperar que a convivencia com um rapaz, que é um vadio e um dissipador, désse tão lindo resultado. Então, como quer elle, como queres tu que se façam casamentos? Como antigamente, através de uma rotula?

CECILIA

(*A rir*) — Não! As rotulas já estão prostituidas... já não servem para moças que amam desinteressadamente... (*)

(*) Allusão ao regulamento da Policia do Rio, que prohibe as mundanas de apparecer á janella, o que as obriga a disfarçar-se por traz de rotulas.

MME. CARDOSO

(*Energica*) — Oh, minha filha, que é isso, que barbaridades são essas? Eu te prohibo esse tom!

CECILIA

(*Séria*) — Eu aprendi o que acabo de dizer em sua companhia, e na companhia de papae. (*A sorrir*) Não podia ser em companhia melhor!...

MME. CARDOSO

Em nossa companhia? Oh, é demais! Então, somos nós, teus paes...

CECILIA

São os senhores que me levam ao theatro, que me levam a ver a «Casta Suzanna», a ouvir dialogos amorosos, a comprehender o adulterio, a applaudir scenas de «cabaret», e intrigas amorosas que se passam nas alcovas das «cocottes».

MME. CARDOSO

(*Humilhada*) — Tens, talvez, razão! Torna-se cada vez mais difficil ser mãe! Si não te levassemos aos theatros, aos bailes, não faltariam, egualmente, recriminações... Para os filhos de hoje o pae tem de escolher entre as duas pontas de um dilemma:—ou algoz ou corruptor! (*Abaixa a cabeça sobre o livro*).

CECILIA

(*Approxima-se de Mme. Cardoso*) — Não, mamãe, nem uma, nem outra coisa. moça de hoje não é a moça do seu tempo. E' uma flôr do

seculo, colorida, perfumada, artificial, mas que tem entre as suas petalas um insecto caprichoso que lhe dá vida. *(Senta-se na borda da cadeira de Mme. Cardoso)*. E' preciso não matar o insecto para que a flôr não esmaeça!

MME. CARDOSO

(*Erguendo a cabeça*) — Amas alguem, que não seja Henrique?

CECILIA

Pois não comprehendeu ainda a minha indecisão?

MME. CARDOSO

De quem gostas, afinal?

CECILIA

(*Levantando-se*) — Desse bohemio incorrigivel, desse estroina, desse maluco, como a senhora lhe chama.

MME. CARDOSO

De Oswaldo?

CECILIA

Sim; delle mesmo.

MME. CARDOSO

Mas, minha filha, isso é uma tolice, é uma impressão de momento que não póde durar! Esse rapaz é um vadio, um «detraqué».

POSSIDONIO

(Entra a burnir as unhas com o burnidor de Oswaldo).

CECILIA

(*A sorrir*) — Uma flôr do seculo, colorida, perfumada, criada na estufa artificial de um ministerio, prefere o zumbido doidivanas de um insecto brilhante ao passo tardo, pesado e reflectido de um camêlo!

MME. CARDOSO

Comparas, então, Henrique a...

CECILIA

Pesado, honesto, trabalhador, methodico e reflectido como um camêlo que não tem sêde! Não me sinto, porém, com vocação para chocadeira de crianças. Nasci num seculo mais brilhante.

MME. CARDOSO

Cecilia, que horror!

CECILIA

O outro é futil, alegre, ruidoso, ondula numa valsa e brilha num «cotillon». Não será um marido pesado, será um amante ideal. Com o que lhe resta de fortuna, e com o meu dote, teremos a vida de esplendor, de luxo e de futilidades para a qual me criaram os senhores.

POSSIDONIO

(*Aparte*) — Sim senhor!... Isso é que é gente para entender a vida! (*Sáe*).

MME. CARDOSO

(*Levantando-se*) — Oh, céus, que ouço! Mi-

nha filha, tu atravessas um minuto de loucura. Acalma-te! Volta ao senso commum.

CECILIA

A loucura é o senso commum do seculo! O bom senso é estupído como o ministerio de papae?...

MME. CARDOSO

Será possivel que não delires?...

CECILIA

Não deliro. Raciocino calmamente, e tanto assim, que vou pedir a Henrique nada diga a D. Christina, e aguarde um recado meu, da Capital.

MME. CARDOSO

Não, não farás isso. Depois do que se devem ter dito, seria deshonesto.

CECILIA

Deshonesto seria mais tarde o adulterio, porque, fatalmente, si Henrique fôr meu marido, Oswaldo será meu amante.

MME. CARDOSO

Pensa, pensa um momento no que dizes! Estás louca.

CECILIA

Nem mais louca, nem mais pervertida do que as que se vendem a um bom partido.

MME. CARDOSO

De modo que eu e teu pae quisemos vender-te?

CECILIA

Os senhores fizeram o seu dever. Expozeram o seu artigo bem vestido, bem empoado, sabendo dizer um monologo em francez, sabendo representar com razoavel dissimulação, á passagem dos possiveis clientes, um papel de ingenua aprendido com as irmãs do *Sacré Cœur*, e conhecendo o portuguez sufficientemente para acceitar, sem c cedilhado, um delles para marido.

O boneco entendeu, agora, mover-se á sua vontade.

MME. CARDOSO

Não se moverá, fica certa!...

CECILIA

E' o que veremos. Si a senhora toma ares de ameaça, obriga-me a responder-lhe assim.

MME. CARDOSO

(*Energica*) — Farei que teu pae te chame á razão.

CECILIA

Papae está muito occupado com o Ministerio do Exterior para pensar nessas futilidades de interior.

MME. CARDOSO

E's uma filha degenerada. Que mal fiz a Deus para assim o pagar? Que crime é o meu?

CECILIA

(*Ironica*) — O crime de haver concebido sob um espartilho de rendas!...

SCENA XIII

As mesmas e Oswaldo

OSWALDO

(*Entrando da esquerda, vestido para montar*)— Muito bom dia! Peço perdão si fui indiscreto.

CECILIA

(*Amavel*) — Bom dia! Indiscreto por que? Estavamos, eu e mamãe, a falar sobre uma collecção de parasitas que nos enviaram da França.

OSWALDO

Muitissimo interessantes as parasitas francesas.

CECILIA

Deve conhecel-as bem. Esteve lá tanto tempo!...

OSWALDO

Eu as vim conhecer melhor aqui no Brasil (*Vae beijar a mão de Mme. Cardoso*) — Apezar de ter estado lá, eu só conheço profundamente as francesas (*Para Mme. Cardoso*) V. Ex. collecciona parasitas?

MME. CARDOSO

Tenho algumas, apenas!

OSWALDO

Que pretende, agora, completar com a collecção que recebeu?

MME. CARDOSO

Sim; com as que vieram, agora, da Allemanha...

CECILIA

(*A rir*) — Vieram umas, tambem, da Allemanha. Actualmente, importamos parasitas, de toda a Europa... E' mesmo a moda...

OSWALDO

Importamos tudo: Idéas, costumes, moral, tacos de borracha para o calcanhar, e até flôres sem perfume! Acordámos ha pouco, e estamos tomando nosso banho matinal de submersão transatlantica. E exaggeramos: os homens dobram a barra das calças até aos joelhos, e as mulheres decotam-se até ao umbigo!...

CECILIA

Gosta de parasitas?

OSWALDO

De tudo quanto vive sem trabalhar, minha senhora. Prefiro, porém, as nacionaes. E si Mme. Cardoso me permitte, quero enriquecer sua collecção com um specimen genuinamente nacional.

MME. CARDOSO

(*Distrahida*) — Muito obrigada!...

CECILIA

(*Ri. Oswaldo olha interdicto. Mme. Cardoso, embaraçada, abre o livro que tem na mão*)—Mamãe acha que, como parasita nacional, eu sou bastante em casa.

MME. CARDOSO

Oh, Cecilia!

OSWALDO

Si V. Ex. se tivesse assim exprimido não teria peccado. Em toda a Natureza ha o parasita. O parasita do amor é, indubitavelmente, o filho. E' um consequente que não corresponde ao antecedente... (*Adelaide, que apparece ao fundo sem ser vista, presta attenção ao que diz Oswaldo, a fingir que arruma um movel*).

CECILIA

Acha, então, que eu sou uma parasita?

OSWALDO

Particularmente, não me atreveria. Em these, apenas! (*Dirigindo-se a Mme. Cardoso*) — E V. Ex. póde gabar-se que tem em casa a mais linda flôr da flora nacional.

ADELAIDE

(*Aparte*) — E «seu» Henriquinho póde gabar-se de ter em casa o mais lindo sem vergonha nacional! (*Sáe*).

MME. CARDOSO

Muito obrigada!

CECILIA

Eu não agradeço porque quero ficar a dever para mostrar assim a minha gratidão... segundo suas theorias!...

OSWALDO

(*A Mme. Cardoso*) — Nem era de esperar que de uma regia planta como V. Ex., em que tudo é belleza e elegancia, pudesse ter surgido uma flôr menos encantadoramente venenosa e aromal do que Mlle. Cecilia!...

MME. CARDOSO

Oh, por quem é! Cumula-nos de lisonjas!

CECILIA

(*A meia voz*) — E', ou não, um rapaz fino?

MME. CARDOSO

(*Idem*) — E', pelo menos, muito amavel!

OSWALDO

Que pretendem fazer esta manhan?

CECILIA

Hoje é domingo! Não ha na cidade alguma distracção aos domingos?

OSWALDO

Ha uma que é excellente porque é unica. Aos domingos, ha musica na Caixa d'agua! (*)

MME. CARDOSO

Na Caixa d'agua? E' original!...

(*) Em certas cidades do interior de S. Paulo o reservatorio geral do abastecimento de agua é cercado de um grande parque onde ha musica, aos domingos.

CECILIA

Musica de pancadaria, com certeza!

OSWALDO

De pancadaria nas costas do proximo, porque todos que lá vão occupam-se, apenas, em falar da vida alheia!

MME. CARDOSO

E durante a semana?

OSWALDO

Durante a semana bebem a agua da caixa, com toda a maledicencia do domingo. E' a vida do interior.

CECILIA

Não me tenta a diversão! Invente algum passeio ou alguma coisa original para despedida.

OSWALDO

Original!... Interessante?... (*Pensa um momento*) Uma caçada á raposa... uma «chasse à courre», como nos castellos de França!

CECILIA

(*Bate palmas*) — Bravos... bravos... Eis uma idéa. Uma caçada á raposa!

MME. CARDOSO

Nada deve faltar aqui para uma dessas caçadas.

OSWALDO

Si faltar, é pouca coisa: apenas a raposa...

SCENA XIV

Os mesmos e Possidonio, que traz os vasos que havia levado no começo do acto

OSWALDO

A raposa é de menos! (*Sorrindo*) Eu mesmo me transformaria em raposa para ter a graça de morrer ás mãos de V. Ex., ainda que fosse pela bocca da ironia.

MME. CARDOSO

(*Para Cecilia*) — E', positivamente, amavel.

OSWALDO

Oh, Possidonio, ha raposas por ahi?

POSSIDONIO

Não, senhor. Havia um gambá em cima do forro, que não deixava ninguem dormir. Pensavam que era a alma do Malaquias do Engenho, mas já foi morto.

OSWALDO

Não, não é isso. Pergunto raposa do matto. «Rénard» em francez.

POSSIDONIO

Não, senhor, aqui nunca veiu raposa reinar no gallinheiro, ao menos que eu saiba. Só havia o gambá.

CECILIA

Ora que pena!... Uma *chasse á courre* seria deliciosa de imprevisto!

OSWALDO

Será satisfeito o seu desejo. Vão pôr as suas amazonas, que eu me encarrego de organizar a caçada, de vestir os monteiros, e de ter tudo em ordem, dentro de poucos minutos. (*Olhando Possidonio*) Para o caso, está aqui um monteiro!

POSSIDONIO

Não, senhor, chamo-me Possidonio da Conceição. Não sou Monteiro...

MME. CARDOSO

E a raposa?

OSWALDO

Não faltará a raposa.

MME. CARDOSO

Vamos, então, Cecilia. (*Sáem pela D.*)

CECILIA

Quero vêr como vae descobrir a raposa! (*Sáe pela D.*)

OSWALDO

Não faltam raposas junto a tão linda ave... (*Ouve-se o sino da capella*) Está terminada a reza. (*Para Possidonio*) Então, não ha raposas?

POSSIDONIO

Havia o gambá... Tambem Monteiro não ha nenhum. Aqui são todos da Conceição ou de Jesus.

OSWALDO

Eu vi, hontem, um gato preto.

POSSIDONIO

Mas gato preto não é raposa!

OSWALDO

Quem lhe disse que gato preto não pode ser raposa, quando não ha outra raposa? Você chama áquelle animal gato porque, quando aprendeu a falar, lhe disseram que se chamava gato.

POSSIDONIO

Sim, senhor. Mesmo depois de grande, sempre ouvi dizer que era gato.

OSWALDO

Mas si lhe tivessem ensinado a chamar-lhe raposa, você, até agora, o consideraria como raposa. Si lhe tivessem dito quando você era pequeno que pae era mãe e que mãe era pae...

POSSIDONIO

Isso não, senhor, que eu não podia mammar no meu pae!

OSWALDO

E' claro que você não podia mammar no seu pae, si o pae fosse pae, mas si o pae fosse mãe, você mammava, não mammava?

POSSIDONIO

(*Com convicção*) — Mammava, sim, senhor.

OSWALDO

Ahi tem. O nome não exprime cousa alguma. Quem poz nome aos animaes?

POSSIDONIO

Foram os homens, porque os bichos não sabiam falar.

OSWALDO

Pois, então, é simples. Nós somos homens como os outros. Mudamos o nome do gato. Em vez de gato preto será raposa azul.

POSSIDONIO

Não ha nada como ter estudado! Uma cousa tão simples! Convencem a gente num momento!

OSWALDO

A raposa está arranjada. Outra cousa, agora: Preciso de um homem de libré para fazer companhia ao meu cozinheiro. Não ha alguma farda velha por ahi?

POSSIDONIO

Farda, não, senhor. Só si mudarmos o nome de alguma outra roupa, como se fez com o gato. Como o nome não vale nada...

OSWALDO

Não vae até lá. Você, agora, raciocinou demais...

POSSIDONIO

De soldado só ha ahi duas trombetas do tempo de «seu» coronel, e o fardão da Guarda Nacional de seu defuncto coronel. Estão no armario do sotão.

OSWALDO

Trombetas? Excellente!... Meio caminho

andado! Diga-me: não ha alguma roupa de rei de carnaval, de Divino, de Congada?

POSSIDONIO

De Congada ha, sim, senhor. De rei do Congo.

OSWALDO

Bravos!... bravos!... Temos tudo para uma legitima caçada como nos castellos francezes, da mais rigida authenticidade. Acompanha-me.

POSSIDONIO

Sim, senhor!

OSWALDO

E' preciso aprender a andar... Assim... Como os «chasseurs» de Paris.

POSSIDONIO

(*Imitando o andar de Oswaldo*) — Isso é gente que sabe!...

SCENA XV

D. Christina e Rosinha

ROSINHA

Mãesinha, agora, parece mais alegre!

D. CHRISTINA

A reza na capella consolou-me, de facto. Estavamos sós ali, sem extranhos, rezando como sempre se rezou nesta casa. Felizmente, ficou aquelle canto de bom senso onde elles não penetraram.

SCENA XVI

As mesmas e Adelaide

ADELAIDE

(*Entra com uma bandeja de café*) — Venho trazer-lhes o café. Elles vão sahir, agora, para caçar um gato.

D. CHRISTINA

Um gato ?

ADELAIDE

Sim, senhora. Estão vestindo o Possidonio de rei do Congo, e o Elias, de principe. «Seu» Oswaldo está benzendo os cachorros. Até parece arte do demonio.

ROSINHA

Onde é a caçada ?

ADELAIDE

Não sei. Elles vão a cavallo. Eu vi um gato em um jacá. O Possidonio diz que não é gato, que é raposa de reinar em francez, e que é azul. Aquelle diabo parece que está perdendo a cabeça ! (*Ouvem-se toques de corneta no terreiro*) Estão ouvindo ? São elles. Estão benzendo os cachorros. Com certeza é para lhes tirar a sarna e os carrapatos...

D. CHRISTINA

Bençam para essa gente foi feita para cachorro. E' mais alguma invenção do filho do Manuel Ignacio.

ROSINHA

Henriquinho tambem é da partida ?

ADELAIDE

Parece que sim. O Elias e o Possidonio estão pulando de contentes.

D. CHRISTINA

Move-se uma casa inteira de gente sensata para acompanhar a cabeça de um maluco!... Que doença perigosa! (*Ouvem-se de novo as cornetas*).

D. CHRISTINA

Ponha o café na mesa na outra sala. Vamos, Rosinha!...

ROSINHA

Eu queria ver a sahida da cavalhada...

D. CHRISTINA

Até você, minha filha ?

ROSINHA

Não diga isso, mãesinha. (*Atira-se aos braços de D. Christina*) Eu fico com a senhora! (*Sáe com D. Christina*).

SCENA XVII

Mme. Cardoso e Cecilia (ambas de amazonas)

CECILIA

Não está apparecendo a minha saia ?

MME. CARDOSO

Não. Está bem.

SCENA XVIII

Cecilia, Mme. Cardoso e Oswaldo

OSWALDO

(*Entra apressado, trazendo no braço um casaco dobrado pelo avesso*) — Bravos !... bravos !... Está tudo prompto !

CECILIA

A raposa, tambem ?

OSWALDO

Tudo!... E será a senhora que ha de matal-a. A morte, vinda de mãos tão gentis, não é morte, é a partida para o Nirvana. (*Mostra o casaco que tem no braço*) Vae ser um successo ! Descobri um casacão para mim, para o castellão, para o marquez de Manuel Ignacio. Vou vestir o fardão !

MME. CARDOSO

(*A rir*) — E' um trovão !...

SCENA XIX

As mesmas e Henrique

HENRIQUE

(*Vagaroso e sem brilho*) — Bom dia, Mme. Cardoso ! Bom dia, Cecilia !

CECILIA

(*Aparte*) — Que differença do outro ! (*Alto*)... Bom dia !

MME. CARDOSO

Bom dia, commandante!

HENRIQUE

Vamos, então, a uma caçada de raposa? O Oswaldo cada dia amanhece com uma nova maluquice!

CECILIA

Maluquice por que? E' muito interessante a idéa que elle teve. Que ficariamos a fazer aqui todo o domingo?

HENRIQUE

Tem razão. (*A'parte*) Defende-o. (*Para Mme. Cardoso*)—Vão mesmo amanhan? Não podemos retel-as por mais tempo? (*Fica a conversar em voz baixa com Mme. Cardoso*).

SCENA XX

Os mesmos e Oswaldo

OSWALDO

Prompto, prompto! Que tal? Vamos!

HENRIQUE

(*Serio*) — Oh, o fardão do velho!

OSWALDO

Para alguma cousa havia de servir a Guarda Nacional!... Ao menos, para matar um gato! «La chasse à courre» em pleno sertão!

CECILIA

(*A rir*) — Quem são os batedores ?

OSWALDO

O Elias e o Possidonio, vestidos á Congo. E' heroico ! Elles ahi vêm ! (*Dirigindo-se para Mme. Cardoso)* Mme. la comtesse, voulez-vous m'honorer ?... (*Offerece-lhe o braço*).

MME. CARDOSO

(*A sorrir*) — C'est á moi de vous remercier, gentil cavalier !

OSWALDO

Oh, puro seculo XV! Pôdre de «chic» ! Ha de ficar na historia. «Allons, comtesse» !

HENRIQUE

(*Offerece o braço a Cecilia*) — Quer dar-me o seu braço ?

CECILIA

(*Dá-lhe o braço e retem-n'o um momento*) — Não fale ainda hoje a sua mãe !

HENRIQUE

Por que ?

CECILIA

Preciso pensar. Eu lhe escreverei uma longa carta, logo que chegar.

OSWALDO

«Allons, allons» !

SCENA XXI

Os mesmos, Elias e Possidonio, que apparecem á porta, vestidos á Congada, trazendo uma matilha magra e famelica. Empunham as cornetas

OSWALDO

«Chasseurs! Annoncéz la chasse!»

POSSIDONIO

«Messieurs e Madama»! Vae começar a chaça ao curro! (*Empunham as trombetas e tocam.*)

(PANNO RAPIDO)

FINAL DO 2.º ACTO
OSWALDO — «Chasseurs! Annoncez la chasse!»

ACTO III

O scenario é o mesmo do 1.º acto.

SCENA I

D. Christina e Adelaide

D. CHRISTINA

(*Sentada á direita, ouvindo o cuco cantar as horas*) — Que prazer ouvir de novo as vozes da casa depois de tantos dias de revolução! Parece-me que acabei de tirar o espartilho, ao fim de uma festa muito longa e muito ruidosa para a minha edade!...

ADELAIDE

(*Que está a limpar os moveis*) — A mim parece-me que tenho outra cabeça depois que não me obrigam a andar com a touca.

D. CHRISTINA

Tudo no seu logar! (*Olha sorridente o retrato do marido*) Lá está o meu velho, depois de oito dias de desterro!...

ADELAIDE

No logar em que estava o retrato de «seu»

coronel, fardado, pozeram uma mulher á paizana... Agora, «seu» vigario póde visitar a gente, que já não ha mais nú no salão.

D. CHRISTINA

Respira-se um outro ar. Os moveis, as paredes, tudo fala uma linguagem conhecida que se entende. Ah !... como é bôa a paz da casa na velhice !

ADELAIDE

Si «seu» Oswaldo ficasse aqui mais oito dias pegava fogo na casa. O moleque Elias já estava impossivel de se aturar. Até o Possidonio, que devia ter juizo !...

D. CHRISTINA

O Possidonio não appareceu ainda ?

ADELAIDE

Desde que foi levar os moveis, não appareceu mais. E nem apparece, fique certa.

D. CHRISTINA

Apparece, sim. Ha tantos annos que está aqui. A gente do campo tem sua querencia, como o gado.

ADELAIDE

Para mim, elle não volta mais, e por culpa de «seu» Oswaldo. O Possidonio escutava tudo que elle dizia.

D. CHRISTINA

(*A sorrir*) — Que podia elle entender das tolices do filho do Manuel Ignacio ?

ADELAIDE

E' por não entender mesmo. Si elle tivesse entendimento, não seguia a cabeça do outro. Pinto, emquanto não leva coice, vae comer no côcho com os animaes.

D. CHRISTINA

E' por pouco. Elle não se acostumará na cidade.

ADELAIDE

Elle disse ao Elias que não queria mais trabalhar. Que a vida do vadio é bonita, que a vadiação é a mãe de todas as virtudes...

D. CHRISTINA

E a «pinga», tambem! O que elle precisava era de um bom relho...

ADELAIDE

(*Continuando*) — Que o vadio sonhava, e que si não fosse o sonho, a vida era uma porca miseria, não havia arte, não havia musica, não havia egrejas...

D. CHRISTINA

Imagine! A arte do Possidonio!

ADELAIDE

E que si a gente não tratasse de montar nos outros, os outros montavam na gente, porque a maioria era explorada por uns poucos, (*apressando*) que o deputado é que manda nos soldados, e o coronel é que faz as leis... assim como o café dá gosto ao leite...

D. CHRISTINA

Bom, bom. Chega de tolices. Elle que vá por ahi e ainda ha de ser preciso mandar pedir ao compadre para tiral-o do «xadrez» !

ADELAIDE

E' o que eu disse ao Elias. Isso é bom para os ricos.

D. CHRISTINA

Henrique está demorando. Já podia estar de volta.

ADELAIDE

Elle disse que só ia ao correio.

D. CHRISTINA

Já tinha tempo de ter chegado. (*Abre o livro*). Vou acabar de rezar o meu officio. (*Persigna-se e põe-se a lêr.*)

ADELAIDE

(*Depois de uma pausa*) — Tambem si é para ser vadio, é melhor que se case com uma outra. A senhora desculpe, eu estou atrapalhando sua reza...

D. CHRISTINA

(*Levanta os olhos do livro*) — Case com quem? O Henrique ?

ADELAIDE

Não, senhora, estou falando do Possidonio...

D. CHRISTINA

Então, vocês estavam tratados ? Nunca me disseram nada.

ADELAIDE

Eu tinha vergonha de falar á senhora... Elle tinha promettido que logo que juntasse um pouco de dinheiro para fazer uma casinha, e ficar aggregado á fazenda, me pedia em casamento. Minha madrinha ia ser a senhora, e meu padrinho, Santo Antonio. Como eu não tenho mais pae nem mãe, queria ser sua parasita...

D. CHRISTINA

Minha parasita? Que quer dizer isso?

ADELAIDE

Afilhado é quasi filho. Ouvi «seu» Oswaldo dizer que o filho é o parasita do amor da mãe...

D. CHRISTINA

Muito bonito! Parece que só eu nesta casa escapei do andaço... * Que doença perigosa!

ADELAIDE

Não cuidei que fosse mal... Desculpe...

D. CHRISTINA

(*Levanta-se*) — E Henrique não chega! Dáme cuidado; não posso acabar o officio. Deixe-me ver si o avisto de volta. (*Vae á janella*).

ADELAIDE

Elle não é criança. A senhora está com cuidado á tôa.

---

* Pequena epidemia.

D. CHRISTINA

Não se vê ninguem pela estrada.

ADELAIDE

Tantos annos esteve fóra, a senhora sem saber delle...

D. CHRISTINA

E quem lhe disse que durante todo esse tempo os mesmos cuidados me não assaltaram? Você não é mãe...

ADELAIDE

(*Apressada*) — Não, senhora. Só depois de casar.

D. CHRISTINA

— Não póde ainda comprehender o que se passa em nós desde que se sente alguma cousa nova no nosso proprio corpo, que reparte comsigo um pedaço da nossa alma. E as almas nunca se separam, minha filha! Vejo agora um cavalleiro... Lá longe... no alto... na volta da estrada... Venha depressa, Adelaide... Você tem melhor vista do que eu...

ADELAIDE

(*Approxima-se*) — Lá, na volta da estrada?

D. CHRISTINA

Sim... olhe! vae descendo, agora... Veja si distingue! Vae descendo o morro... Vae sumindo...

ADELAIDE

Parece, pelos hombros...

D. CHRISTINA

Si não distinguiu ainda, não distingue mais... Só se vê o chapéu... Não se vê mais nada. Tenho quasi certeza de que é elle; diz-me o coração. Sinto-me mais tranquilla.

ADELAIDE

Não havia razão para se affligir. Que podia acontecer a "seu" Henriquinho?

D. CHRISTINA

(*Senta-se*) — Choveu hontem, á noite. Os caminhos estão ruins. Na altura da Vossoroca, a lama é como sabão. Os animaes sempre escorregam ao passar por ali.

ADELAIDE

Elle foi no tordilho que está ferrado de novo.

D. CHRISTINA

(*Pensativa e lenta*) — E depois, não sei, tenho um presentimento!... Aquelle filho do Manuel Ignacio...

ADELAIDE

Que tenha acontecido alguma cousa a "seu" Oswaldo? E' melhor não agourar. Um moço tão bom!

D. CHRISTINA

Tambem você gosta delle, daquelle maluco que lhe roubou o Possidonio? Quando me lembro que até a farda de gala do meu velho!...

ADELAIDE

Eu não digo que gostasse, mas tambem não desgósto... Quasi toda a gente assim, meio aloucada, parece que por não pensar muito, tem bom coração. O que lhes falta na cabeça, sobra-lhes no coração.

D. CHRISTINA

Quanto não tem algum interesse occulto sob sua fingida loucura. Para mim, aquella maluquice de caçada á raposa...

ADELAIDE

Maluquice... a senhora diz bem. Mataram o gato preto do bahiano, e queriam convencer a gente que era raposa de reinar!

D. CHRISTINA

Quando elles voltaram da caçada, o filho do Manuel Ignacio vinha na frente, ao lado de Cecilia.

ADELAIDE

Os dois com as mãos dadas a galopar como loucos.

D. CHRISTINA

Henrique vinha por ultimo, e vinha pensativo, triste e acabrunhado. Quando apearam no terreiro e riam-se todos das tolices do Possidonio, que mostrava o gato morto como raposa, contaram-me que Henrique disse com voz aspera ao filho do Manuel Ignacio: — "Raposa ou gato não vem ao caso: ambos têm unhas e não têm alma". Comprehendo bem o que elle quiz dizer.

ADELAIDE

Eu tambem. Queria dizer que o gato e a raposa são animaes nacionaes, como diz o senhor vigario.

D. CHRISTINA

I...rra...cio...na...es..., Adelaide.

ADELAIDE

Sim, senhora.

D. CHRISTINA

Ah! eu não me engano. A despedida secca que houve entre elles, as idas diarias de Henrique á cidade, sem paciencia de esperar o correio... Henrique espera alguma carta que desde já o faz soffrer.

ADELAIDE

Por falar em carta, "seu" Henriquinho mandou deitar fóra aquelles papeis que estão na gaveta do armario, e que a senhora guardou tanto tempo para lhe mostrar quando elle voltasse.

D. CHRISTINA

São os exercicios que elle fazia na escola, a Cartilha, os primeiros livros de leitura. Mandou deital-os fóra, então?

ADELAIDE

Disse que eram papeis velhos que estavam enchendo a gaveta á tôa. Ha, tambem, umas roupas, uma fardinha. Mandou que as désse ao filho de algum colono.

D. CHRISTINA

Os moços... os moços!... Não sabem que todas as cousas da infancia, que parecem encher "á tôa" as gavetas de uma mãe, guardam com ellas uma recordação feliz para os dias tristes do desengano da vida... Vá buscal-as. Eu as guardarei commigo.

ADELAIDE

Sim, senhora, (*Vae ao armario, e traz a gaveta para junto de D. Christina*).

D. CHRISTINA

No quarto de uma velha ha sempre espaço para uma recordação e para uma saudade!...

ADELAIDE

(*De cócaras, junto á gaveta*) — Aqui está tudo. Esta calcinha e este paletó eu ia dar ao filho da Symphronia, que tem cinco annos.

D. CHRISTINA

(*Tomando a roupa e collocando-a ao collo*) — Não. Ficarão com a mãe de Henrique que tem cincoenta.

ADELAIDE

(*Levantando um maço de papeis*) — Os papeis, "seu" Henriquinho disse que os atirasse fóra.

D. CHRISTINA

(*Tomando os papeis e folheando-os*) — Os primeiros exercicios que elle fez! (*Olha mais demoradamente uma folha*) Que engraçado! Um

cavallo que elle pintou na folha do exercicio... Escreveu em baixo: — "Tavalinho".

ADELAIDE

(*Mostrando o papel*) — Aqui tem um outro cavallo.

D. CHRISTINA

Não é cavallo. E' navio. Olhe os mastros.

ADELAIDE

Ah! São os mastros. Pensei que eram as orelhas do cavallo. Que é que "seu" Henriquinho escreveu em baixo?

D. CHRISTINA

A tinta está tão apagada! Já lá vão tantos annos! (*Approxima o papel dos olhos*) "X...xa... a...peu..." E' um chapeu, Adelaide. Não é navio!

ADELAIDE

(*A rir*) — Para chapeleiro elle não tinha geito!

D. CHRISTINA

(*Collocando o papel no collo*) — Eu guardo este. Os outros, você póde rasgar. Olhe este! E' uma figura... Um circulo, dois pingos em cima, e um risco em baixo.

SCENA II

Os mesmos e Rosinha (que pára á porta)

ADELAIDE

Dois pingos em cima e um risco em baixo?... E' uma cara de mulher.

D. CHRISTINA

Está escripto: — Rosinha. (*A rir*) E' o retrato de Rosinha. Elles não se largavam quando eram pequenos.

ADELAIDE

(*A rir*) — Não parece nada! Para retratista "seu" Henriquinho tambem não tinha geito!

D. CHRISTINA

(*Approximando o papel dos olhos*) "Q...u... ando...

ADELAIDE

Quando?

D. CHRISTINA

"Qu...an...do... eu... crescer... c...a... so...com você..."

ROSINHA

(*A sorrir tristemente*) — Os homens quando aprendem a soletrar já sabem mentir. Elles só aprendem a escrever para enganar as mulheres...

D. CHRISTINA

(*Levantando a cabeça*) — Oh! Rosinha!

ROSINHA

Bom dia, mãesinha! Bom dia, Adelaide! Vim ver meu afilhado, o filho da Symphronia, que está outra vez com febre.

D. CHRISTINA

Não é nada. Ella assusta-se por qualquer

cousa; estive lá hoje cedo, antes d'ella mandar chamal-a.

ROSINHA

Eu dei-lhe uma palma benta, de domingo de Ramos, para se fazer um chá.

ADELAIDE

Fez muito bem. Para febre de menino, não ha como palma benta, e o vigario de agora para benzer palma benta não ha egual!

D. CHRISTINA

(*Mostrando o papel a Rosinha*) — Estavamos vendo seu retrato. Quer ver? Que engraçado!

ROSINHA

(*Toma o papel e olha-o um momento*).

D. CHRISTINA

Veja como está parecido!

ROSINHA

(*Volta-se para o canto. Um soluço agita-a. Adelaide, de cabeça baixa, sem prestar attenção a Rosinha, rasga o maço de papeis*).

D. CHRISTINA

Que é isso, minha filha? (*Levanta-se e approxima-se de Rosinha*).

ADELAIDE

(*Parando de rasgar os papeis*) — Não gostou do retrato!...

ROSINHA

(*Volta ligeiramente a cabeça*) — Nada, mãesinha, não é nada. (*Leva a mão aos olhos, a soluçar, dirige-se para a porta de E. B., deixando cahir o papel*).

D. CHRISTINA

(*Deixa cahir a calcinha e o paletó, enlaça Rosinha pela cintura, e leva-a para dentro pela porta de E. B.*). Não chore, minha filha, você devia ter-me dito, logo, o seu segredo...

SCENA III

Adelaide e Henrique

ADELAIDE

(*Continuando a rasgar os papeis*) — Ah! os homens... De boa costella Deus nos fez!

HENRIQUE

(*Ar abatido. Approxima-se de Adelaide*) — Páre! Não rasgue mais nada... Ha sempre tempo para destruir.

ADELAIDE

(*Aparte, com gesto de quem percebe a transformação que se vae operando na alma de Henrique*) Ah!... (*Alto, levantando-se*) Quer escolher alguma cousa para guardar?

HENRIQUE

(*Apanha a calcinha e o paletó*) — Talvez tudo... e ainda seja pouco...

ADELAIDE

Como o senhor disse que tudo isso estava enchendo a gaveta... á tôa... Que era mania de velha guardar cacarécos...

HENRIQUE

(*Surpreso*)—Eu disse isso? Quando? Quando?

ADELAIDE

Então entendi mal... (*Aparte*) Ah! os homens!... A gente nunca póde saber o que se deve guardar do que elles dizem!

HENRIQUE

(*Apanha o papel que Rosinha deixou cahir*) — Por que estava a chorar a Rosinha?

ADELAIDE

Está com a resposta na mão!

HENRIQUE

Isto é um exercicio de escola. (*Lê*) Vocabulos de tres syllabas... rapadura... Agora a letra é de papae, que era meu professor. (*Com saudade*) Como eu a conheço bem! (*Olhando o retrato do pae*) — Quantas saudades daquelle grande amigo!

ADELAIDE

Apezar dos castigos?

HENRIQUE

Nunca! Eu era um alumno que nunca errava a licção.

ADELAIDE

Que mais ha ahi no papel?

HENRIQUE

(*A sorrir*) — A letra do papae! (*Lê depressa*) "Copiar vinte vezes a palavra rapadura para não se esquecer que tem quatro syllabas".

ADELAIDE

Está-se vendo que o senhor nunca errava a licção!... (*Ri-se*) E que ha mais?

HENRIQUE

Segue a copia: Rapadura... rapadura... rapadura... (*A sorrir*) A letra vae espichando. As ultimas rapaduras já nem se distinguem.

ADELAIDE

E em baixo da rapadura? (*Approxima-se e mostra a figura*).

HENRIQUE

Um boneco?

ADELAIDE

Para os homens isso é sempre um boneco! Que está escripto em baixo?

HENRIQUE

Rosinha... (*Approxima o papel dos olhos*) Que letras são estas? Estão tão apagadas!

ADELAIDE

Ouvi D. Christina dizer: Qu...ando...

HENRIQUE

E' isso. "Quando eu crescer caso com você". *(Para Adelaide)* Foi isto que está aqui no papel que fez a Rosinha chorar?

ADELAIDE

O que para os senhores fica num papel, para nós fica dentro do coração...

HENRIQUE

(Senta-se na cadeira em que estava sentada D. Christina) — Acredita, então, que Rosinha?... Si fosse verdade...

ADELAIDE

Saiba que a gente criada aqui no campo quando sente amor em alguem, sente-o para toda a vida. Os olhos vêm sempre a mesma cousa, desde que se abrem, de manhã, até quando se fecham, á noite. As mesmas arvores, o mesmo terreiro, as mesmas aguas onde as figuras apparecem, os mesmos caminhos, o mesmo matto! E, quando a gente vae cantando pela estrada parece que está a ouvir as pisadas do ingrato, a quebrar os galhos seccos, e a apparecer na nossa frente, com os braços abertos, a pedir perdão... E vê-se, sempre, aquella imagem, encostada ás arvores, atravessando o terreiro, passando no galope dos cavallos, abrindo a porta da mangueira, a espiar-nos mesmo de dentro das aguas do rio! Não se póde esquecer, ainda que se queira...

HENRIQUE

Na cidade, não ha dessas imagens. O passo

desliza no asphalto, sem deixar um rasto que apaixone...

ADELAIDE

E á noite? E o luar? Ha uma serenata, d'aqui a pouco, logo que voltem do trabalho. Ah! quem tem um amor escondido e desprezado, o luar dóe, dóe, como si nos cortasse as carnes em um dia de geada!... Quem vive na cidade não sabe o que é o luar do campo! Vê-se no meio do ar a imagem que nos despreza, e ouve-se o violão pingar as lagrimas que nos vêm do coração, como de uma ferida que o frio não deixa seccar!... (*Leva o avental aos olhos*).

HENRIQUE

A cidade... a cidade!... As mulheres nem se apercebem do luar. Habituam-se a amar com a luz electrica... (*Olha Adelaide*) — Que é isso? Está a chorar?

ADELAIDE

E' por aquelle desgraçado do Possidonio...

HENRIQUE

Você tambem soffre?

ADELAIDE

Para soffrer de sua molestia, "seu" Henriquinho, não é preciso ir para a Escola Naval, nem ser official de marinha. Basta ter isto. (*Aponta o peito*) Isto que as moças da cidade não podem sentir por baixo das barbatanas do collete. Ah! as moças da cidade! Queria que as visse de manhã, quando se levantam, como eu vi: sem

cabellos postiços, sem carmim no rosto, sem aquellas armações na frente, nos lados,... e até atraz!... O homem que casa com uma mulher daquellas não encontra, pela manhã, na cama a mulher com que se deitou. Deita com uma e levanta com outra...

HENRIQUE

E durante o dia vive com uma terceira, sem saber, ao certo, qual das tres é a mulher legitima do seu amor!...

ADELAIDE

Aqui não. Quem se casa não corre perigo de se enganar de mulher. E' sempre a mesma. Si visse a Rosinha quando se levanta! E' como um passarinho, como uma patativa!

HENRIQUE

Quero ouvir sua opinião, Adelaide. Os corações aqui devem todos bater pelo mesmo relogio. (*Ouve-se o cuco*) Si o Possidonio tivesse trazido ahi para a colonia uma outra mulher, e tivesse evado oito dias a cortejal-a, a fazer-lhe roda, esquecido de você...

ADELAIDE

Ah! isso, oito dias elle não fazia...

HENRIQUE

...e depois, quando essa mulher fosse embora, elle viesse de novo procural-a, que lhe diria você?

ADELAIDE

Que elle merecia casar com um relho de ponta trançada!

HENRIQUE

(*Desconsolado*) — Tem razão!... E' o que eu merecia...

ADELAIDE

Eu falava do Possidonio. Os senhores da cidade podem fazer tudo...

HENRIQUE

Então, você não acceitaria mais o Possidonio, ainda que elle se arrependesse ?

ADELAIDE

(*Torcendo a saia*) — Isso... isso... só vendo...

HENRIQUE

Vamos, diga, não tenha vergonha. Está falando com quem já está quasi a perdel-a de todo...

ADELAIDE

Não sei... mas si fosse em noite de lua cheia, acho que tinha pena d'aquelle desgraçado ! Ah ! doem tanto o luar e o violão !

HENRIQUE

Pois hoje é noite de lua cheia, e deve haver uma serenata. Vá perguntar á Rosinha si ella pensa como você, e traga-a, traga-a, antes que o luar comece a doer-me...

ADELAIDE

(*Satisfeita*) — Eu bem dizia ! Moça da cidade é como doce de confeitaria: muito bonito, mas

faz dôr de cabeça!... O senhor tinha que voltar ao nosso furrundú...

HENRIQUE

Copiei tantas vezes as quatro syllabas de rapadura!...

ADELAIDE

Que o seu coração acabou virando em melado!... E' assim mesmo. Eu vou falar com ella. (*Volta-se para sahir e esbarra com D. Christina, que entra*).

SCENA IV

Os mesmos e D. Christina

D. CHRISTINA

(*Para Adelaide*) Onde está aquelle papel que mostrei a Rosinha? Ella deixou-o cahir aqui, e pede-o agora. Quer guardal-o como lembrança.

ADELAIDE

Está com «seu» Henriquinho.

HENRIQUE

Estou prompto a dar-lh'o, com a condição, porém, que ella mesma venha buscal-o. (*Para Adelaide*) Diga-lhe que sou um mau retratista, mas só entrego o retrato ao dono.

ADELAIDE

Quando não fica na gaveta uma porção de annos!... (*Sáe*).

HENRIQUE

(*Para D. Christina*) — Venha a senhora, agora, conversar um momento commigo. (*Leva-a a sentar-se*).

D. CHRISTINA

Essa Adelaide!... (*Mostrando a gaveta*) — Deixou isso tudo ahi. Tinha-lhe dito que levasse para meu quarto. Queria escolher alguma cousa para lembrança de tua meninice, antes que se rasgassem os papeis, como tu mandaste.

HENRIQUE

(*Senta-se na borda da cadeira de D. Christina*) — Não, mamãe. Não se rasga mais nada. Tudo que ahi está, tudo que aqui dentro está, de tudo eu preciso para reconstruir a paisagem deliciosa de sinceridade, de amor, de vida sã e de pureza, onde, felizmente, vim acordar da minha primeira desillusão da vida.

D. CHRISTINA

Comprehendo tudo. Não é necessario que soffras, contando-me o que eu adivinho. Deixa ver a carta.

HENRIQUE

Que carta?

D. CHRISTINA

A carta que tens ahi no teu bolso, e que já leste cem vezes. A carta que acabas de receber de Cecilia.

HENRIQUE

(*Levando a mão ao bolso*) — Então, a senhora?...

D. CHRISTINA

Sim... tudo... comprehendo tudo, porque acompanhei tudo, e com a clarividencia das mães, que é como a luz fraca, mas constante, de uma lamparina ao pé de um nicho. Vi... ouve bem, meu filho... vi como te estou vendo... a mão alva, elegante, perfumada, de Cecilia rasgar friamente tua alma nesse pedaço de papel, como um passaro branco que, a bicadas lentas, desfizesse o ninho de um sonho feliz.

HENRIQUE

(*Num hausto*) — E' bem verdade, minha mãe!...

D. CHRISTINA

(*Recebe a carta e tem-na fechada entre os dedos*) — Não preciso abril-a. Eu a li, por traz de Cecilia, quando ella a escrevia lá, tão longe, na cidade... O que ella diz é bem simples. Ouve: «Pensei que te amava. Enganei-me. Perdôa-me e guarda-me tua amizade. Seriamos dois infelizes». Não é isso?

HENRIQUE

Isso mesmo, com algumas palavras mais e um pouco menos de coração... Mas como a senhora, que é de outra raça, de outra terra e de outra época, pode lêr assim o coração humano de hoje?

D. CHRISTINA

As épocas mudam, meu filho, mas teu pae dizia que a cartilha pela qual se aprende a lêr a vida é sempre a mesma...

HENRIQUE

A cartilha da lagrima, da dor, da desillusão!...

D. CHRISTINA

Pela qual se aprende, a chorar, o b-a-bá...

HENRIQUE

Para mais tarde soluçar a analyse logica das miserias do coração!

D. CHRISTINA

(*Passando a mão sobre o hombro de Henrique*) — Tens, entretanto, a mim, a esta casa, com os seus moveis velhos...

HENRIQUE

(*Abraçando-a*) — Oh ! sim, minha mãe!

D. CHRISTINA

E tens a Rosinha, que ainda ha pouco soluçava neste mesmo collo, por tua causa... E' a flôr de sombra, modesta, rasteira, que a tempestade respeita! Com um pouco de terra nova, ella reviverá...

HENRIQUE

(*Desenlaçando-se*) — Não sei... Ella disse, quando entrei e fiz cahir o seu vaso de begonias,— lembra-se ? — «Ha uma cousa que não se concerta mais: é o vaso que se partiu»...

D. CHRISTINA

O vaso não se partiu. O vaso é tudo isso que nos rodeia, tudo isso que não se corrompe, e que

volta ao seu logar, quando amaina o vento da loucura.

HENRIQUE

(*Olhando a porta de E.*) — Entretanto, ella não vem...

D. CHRISTINA

Virá, meu filho! Dá-lhe tempo de enxugar as lagrimas para poder sorrir.

HENRIQUE

E a senhora consente ?

D. CHRISTINA

Faço mais que consentir : Abençôo vocês dois com lagrimas felizes... Eu tremia ao pensar no teu casamento com Cecilia... Era uma flôr muito vistosa, que respirava, porém, no ar viciado de uma estufa.

HENRIQUE

E o que ella não diz na carta, eu adivinho. Foi o Oswaldo que a afastou de mim. O Oswaldo, meu amigo de infancia, que eu recebi aqui como um irmão, que comeu á nossa mesa, que dormiu em nossos leitos, que respirou o nosso ar, e que tudo empestou!... Cecilia e Oswaldo abriram-me os olhos para a miseria da vida de falso doirado que eu apenas entrevi na cidade, nas poucas horas que me deixava o estudo !

D. CHRISTINA

Casas, então, com a Rosinha se ella quiser ?

HENRIQUE

Sim, minha mãe, e quero viver aqui, nesta sombra feliz, a seu lado, para sempre!

D. CHRISTINA

Não é preciso tanto... Tens teus estudos, tua carreira, tuas ambições, teu sonho...

HENRIQUE

Minha ambição, meu sonho, são a ambição e o sonho de toda a gente, a ambição e o sonho da felicidade, e só aqui eu posso encontral-a, ao lado de meu sangue, na nossa casa, (*aponta o retrato do pae*) á sombra daquella saudade...

SCENA V

Os mesmos e Adelaide

D. CHRISTINA

Ahi está a Adelaide.

HENRIQUE

(*Ancioso, a Adelaide*) — Que disse Rosinha? Não me perdôa?

ADELAIDE

E' que...

HENRIQUE

Vamos, diga depressa!... Que disse ella?

D. CHRISTINA

(*A sorrir*) — Afogas, assim, a Adelaide com tua impaciencia!

ADELAIDE

E' que o senhor sabe...

HENRIQUE

Sabe o que ?... Diga logo !

ADELAIDE

E' que os d'aqui não costumam mudar de cara tão depressa como a gente da cidade...

HENRIQUE

Ella recusa-me, então ? Sim ou não ? Depressa !

ADELAIDE

Tenha paciencia, «seu» Henriquinho!...

HENRIQUE

E' uma tortura horrivel ! Vamos, diga, diga logo que ella, tambem, me recusa !... Não posso esperar !

ADELAIDE

(*Para D. Christina*) — Está vendo como são os homens? «Seu» Henriquinho não póde esperar nem um minuto, e fez D. Rosinha esperar tantos annos !...

HENRIQUE

Oh ! isso é de perder a paciencia ! Afinal, que disse ella ?

ADELAIDE

(*A rir*)—Disse que sim... que si...i...m...

HENRIQUE

(*A agitar os braços*) — Oh! afinal!

ADELAIDE

Que ella ia ao jardim primeiro, e que depois vinha. Não vá,porém, fazer esses tregeitos quando ella vier... Não é com barulho que se caçam passarinhos...

D. CHRISTINA

O amor aqui é mais silencioso, e, talvez por isso, mais sincero.

ADELAIDE

Ella é muito boasinha. O senhor leva uma santa! Si fosse commigo!... Deixe o Possidonio voltar que elle ha de ver...

SCENA VI

Os mesmos e Possidonio (Vem de farpella nova, chapéu melão e monoculo)

POSSIDONIO

(*Na porta de D., com o chapéu na mão*) — Sinhasinha dá licença ?

D. CHRISTINA

Vá entrando, Possidonio. Para quem é de casa a porta está sempre aberta.

ADELAIDE

(*Aparte*) — Ah ! sem vergonha! Que cara elle traz ! Com um olho vasado !...

HENRIQUE

Então, que foi isso, Possidonio? Quiz deixar a casa?

POSSIDONIO

Foi por causa de «seu» Oswaldo. Elle dizia tanta coisa, que me subiu á cabeça!

ADELAIDE

Para subir á sua cabeça não precisava escada. (*Aparte*) Excommungado!

D. CHRISTINA

Achou que na cidade estaria melhor? E' sempre assim... Que lhe faltava aqui?

ADELAIDE

Faltava um «tronco», como no tempo da escravidão.

POSSIDONIO

Não faltava nada, não senhora. «Seu» Oswaldo dizia que o trabalho envergonhava a gente, que o homem devia ser vadio para não ser montado pelos outros...

D. CHRISTINA

Tire esse pedaço de vidro do olho!... Não seja bobo!

POSSIDONIO

E' «monocre»! (*tira o monoculo*).

HENRIQUE

E como se arranjou você na cidade?

POSSIDONIO

Fiz como «seu» Oswaldo. Com o dinheirinho que levava comecei a convidar toda a gente para beber, e espichava a perna, e falava grosso com aquelle enthusiasmo com que elle fala...

ADELAIDE

(*A'parte*) — Sem vergonha! O dinheiro que era para o nosso casamento!

D. CHRISTINA

Emquanto teve dinheiro todo o mundo foi seu amigo.

POSSIDONIO

Sim, senhora. Depois que acabou o dinheiro — era tão pouco! — ninguem quiz saber de mim!

HENRIQUE

E por que não foi procurar seu mestre? O Oswaldo?

ADELAIDE

Muito bem, «seu» Henriquinho!

POSSIDONIO

Fui, sim senhor. Pedi-lhe que me ajudasse a pagar o pouso, ao menos...

D. CHRISTINA

E elle que disse?

POSSIDONIO

Disse que não era pae de pançudo. Que eu tinha braços e que fosse trabalhar.

ADELAIDE

Ah ! gostei !

HENRIQUE

E por que não repetiu o que lhe elle dizia ?

POSSIDONIO

Repeti, sim, senhor. Disse que si não houvesse vadios não havia egrejas, não havia monumentos... Elle deu risada e respondeu que vadio podia ser quem tinha dois braços e uma cabeça. Que quem era burro pedisse a Deus o matasse e ao diabo o carregasse...

ADELAIDE

Bem feito !

D. CHRISTINA

Ahi está o que é vocês seguirem a cabeça do primeiro maluco que lhes fala !

HENRIQUE

Ficou sem dinheiro e sem amigos ! E' sempre assim.

POSSIDONIO

D'ahi, como eu não podia pagar o pouso, fiquei na rua, e prenderam-me como vagabundo, e fizeram-me assignar um termo de bem-viver.

D. CHRISTINA

Então você se lembrou da casa, e voltou para cá...

POSSIDONIO

Voltei, sim, senhora, e queria ver si a senhora

deixava Adelaide assignar um termo de bem-viver commigo...

ADELAIDE

Não, senhora, eu não quero mais saber d'elle... O padre onde canta ahi janta.

POSSIDONIO

Eu queria jantar... cantar... e dormir com você...

D. CHRISTINA

(*Para Adelaide*) — Vá, façam as pazes.

HENRIQUE

(*Empurrando Adelaide*) — Vá... vá...

ADELAIDE

Não senhor, isso é um «semvergonhismo» !

HENRIQUE

Vá, perdôe... *(Ouvem-se fóra os violões).*

ADELAIDE

(*Pondo a mão no peito, áparte*) — Ai, meu Deus, como dóe o violão quando se quer bem a um sem vergonha!

POSSIDONIO

Si sinhásinha dá licença, vou eu... O homem é sempre mais sem vergonha...

D. CHRISTINA

Pois vá, abracem-se...

POSSIDONIO

(*Abraça Adelaide*) — Adelaide!

ADELAIDE

E' só por causa do violão, sabe? Si não fosse noite de lua cheia...

D. CHRISTINA

Serão dois casamentos.

HENRIQUE

Faltam, apenas, os padrinhos.

ADELAIDE

Os meus são Santo Antonio e Sinhásinha.

HENRIQUE

Então a senhora será duas vezes madrinha. Só me falta o padrinho...

SCENA VII

Os mesmos e Oswaldo

OSWALDO

Padrinho? Cá estou eu! Muito boa noite para todos.

HENRIQUE

Não comprehendo sua presença nesta casa!

OSWALDO

Vae comprehender em dois tempos. Recebi uma carta da Capital.

HENRIQUE

De Cecilia ?

OSWALDO

Positivamente, de Cecilia, pedindo-me em casamento !

POSSIDONIO

Isso é que é um vadio de sorte !

HENRIQUE

Creio que era desnecessario ter vindo até cá para uma novidade que não constitue surpreza para nenhum de nós.

OSWALDO

Não constitue para vocês, mas constitue para mim. Nunca pensei em casar-me com ella. Acho o casamento uma cousa absurda, um contracto immoral, em que o homem promette coisas que não cumpre. Ainda tenho um pouco de bom senso para não me casar.

ADELAIDE

(*Aparte*) — Querem ver que elle ainda vira a cabeça do Possidonio!...

POSSIDONIO

(*Tapando os ouvidos*) — Não, agora você não me pega mais!...

D. CHRISTINA

Mas si o senhor não queria casar com ella por que lhe fazia a côrte ?

OSWALDO

Porque era e sou um grande amigo de Henrique.

HENRIQUE

Muito obrigado...

ADELAIDE

(*Aparte*) — Elle é capaz de convencer "seu" Henriquinho que lhe tomou a namorada porque é amigo d'elle... Convenceu o Possidonio que gato é raposa!

OSWALDO

Ouve, Henrique, minha loucura, como todas as loucuras, tem mais bom senso do que o senso commum. Comprehendi, desde o primeiro momento, que Cecilia te ia fazer infeliz. Não era a mulher que convinha a uma sinceridade como a tua. E's muito puro para aspirar sem perigo o delicioso veneno que se evapora dessas lindas flôres de estufa. Eis por que me puz a festejal-a, a seduzil-a, a afastal-a de ti. Quiz apenas libertar-te d'ella e castigal-a por te seduzir sem te amar...

HENRIQUE

Si é assim... Porque, de facto, ella me faria muito infeliz.

ADELAIDE

(*Aparte*) — Eu não disse? O que vale é que o Possidonio está com os ouvidos tapados.

OSWALDO

Aqui tens a prova. (*Tira uma carta do bolso*)

Ouve a resposta. *(Lendo)* «Minha senhora. Agradeço-lhe muito sua preferencia, mas peço-lhe que tenha paciencia, e que espere que eu fique completamente louco para pensar em casar-me.» *(Entrega a carta a Henrique)* Ahi tens. Tu mesmo a mandarás ao correio. O que te parecia uma trahição, não é mais do que uma prova extrema de amizade. Já te disse, precisas de um novo diccionario.

HENRIQUE

(Recebe a carta) — Perdôa-me, então, e abraça-me. Tu és um excellente amigo *(Abraçam-se).*

POSSIDONIO

E' o que elle diz: — Para ser vadio é preciso ter dois braços e uma cabeça!

ADELAIDE

Olhe que você já assignou termo de bem-viver...

OSWALDO

Acceitas-me, então, para teu padrinho?

HENRIQUE

Com muito prazer. Não sabes, porém, quem é a noiva.

OSWALDO

O vadio sabe tudo. Encontrei-a no jardim a passar uma begonia do canteiro para um vaso. E ella pediu-me, quasi a chorar, tremendo como uma beata que vê o diabo, *(gesto de reprovação de D. Christina)* que não viesse desmanchar o seu casamento comtigo.

ADELAIDE

(Aparte) — Todo o mundo tem medo d'elle!

OSWALDO

Já está tudo prompto. Deixei o Elias a fardar-se, lá em baixo. E' preciso mudar tudo isto. (*Olhando o retrato, em áparte)* Olha o macacão, de novo, e o cuco...

D. CHRISTINA

Não... Não... Não se mexe em mais nada... *(A Henrique)* Henrique, vem cá um pouco!

HENRIQUE

(*Approximando-se*) Minha mãe!

D. CHRISTINA

(Falando-lhe ao ouvido) — Com esse maluco eu não sirvo de madrinha.

HENRIQUE

Não deve recusar-me essa graça. Creia, minha mãe, não póde haver casamento de melhor augurio do que o apadrinhado por um pouco de loucura e por muito bom senso.

OSWALDO

(*A gritar*) — Ahi vem a timida corsa! Ouvi a sua voz no corredor. (*Approxima-se da janella*) Vou mandar dar signal. (*Para fóra*) "Chasseurs, trompettez! La fiancée!" (*Ouve-se a corneta no terreiro*).

POSSIDONIO

Ai, a minha trombeta! Eu vou, tambem!

ADELAIDE

(*Puxa-o pela aba do paletó*) — Toma juizo, diabo!...

D. CHRISTINA

(*A abanar a cabeça, olhando Oswaldo*) — Qual! Não endireita!

HENRIQUE

(*Agarrando Oswaldo*) — Que é isso, Oswaldo, tu assustas Rosinha!

OSWALDO

Deixa, deixa, não ha mulher que não goste de corneta!

D. CHRISTINA

E' doido varrido! E o Manuel Ignacio foi um homem tão de bem!

SCENA IX

(Os mesmos e Rosinha)

ROSINHA

(*Entra embaraçada, trazendo na mão um vaso de begonia que vae collocar sobre a commoda, sem olhar para a scena*) — Vim trazer a sua begonia, mãesinha. Era só o que faltava de sua sala antiga.

OSWALDO

(*Aparte, olhando o retrato do coronel*) — O macacão já está lá...

HENRIQUE

(*Approximando-se de Rosinha*) — Não soffreu muito com a quéda?

ROSINHA

Com o ar do campo as plantas depressa se refazem.

HENRIQUE

(*Tomando a mão de Rosinha*) — Rosinha!

OSWALDO

(*Aparte*) — Puro 1830! Garapa da roça!

HENRIQUE

E o vaso?

ROSINHA

E' o mesmo! Ainda tinha concerto!

HENRIQUE

Minha noiva!

ROSINHA

Só o que te peço é que não me surprehendas mais para que o vaso não se parta para sempre! (*Ouvem-se os violões no terreiro. O luar, entrando pela janella, aclara a scena*).

HENRIQUE

(*Enlaça-a e beija-a na testa*) — Minha boa Rosinha!

POSSIDONIO

(*Abraça rapidamente Adelaide e exclama, dando-lhe um beijo*) — Minha «piquira»!

OSWALDO

(*Olhando os dois pares que se beijam*) — E eu?

D. CHRISTINA

(*Extendendo-lhe a mão*) — Beije esta mão de sessenta annos e tome juizo!...

OSWALDO

(*Beija a mão de D. Christina, e corre á janella, a gritar*): "Chasseurs! Trompettez"!... (*Ouvem-se as cornetas*).

PANNO

(FIM DO 3.º E ULTIMO ACTO)

FINAL DO 3.º ACTO

OSWALDO — E eu?...
D. CHRISTINA — Beije esta mão de 60 annos, e tor e juizo.

VENUS NO RIO

Revista em 3 actos,
Original de Celestino